

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE C
ORIENTADORA : Maria Evelyn P. do
ORIENTANDA : Luciane Martins Salado



1290001130



TCC/UNICAMP Sa31s

RA 962133



"SEM ESPAÇO, CEM ESPAÇOS"



UNIDADE.....	FE
Nº CHAMADA:	
ICC- UNICAMP	
Sa. 315	
V:.....	
EX:.....	
TOMEIO: 1,130	
PROC.: 114/2004	
C:.....	
PREÇO: 11,00	
DATA: 26.01.04	
Nº CPD: P26 = 308052	

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**
Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

Sa31s	Salado, Luciane Martins. Sem espaço, cem espaços / Luciane Martins Salado. -- Campinas, SP: [s.n.], 2002.
	<p align="center">Orientador : Maria Evelynna Pompeu do Nascimento. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.</p> <p align="center">1. Espaço. 2. Educação infantil. 3. Creches, 4. Infância. I. Nascimento, Maria Evelynna Pompeu do. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.</p> <p align="right">02-266-BFE</p>

Dedicatória

200401694

Aos meus pais Eulália Martins de Leu Salado e Gerson Salado e filho João Pedro
Salado de Carvalho.

UNICAMP - FF - BIBLIOTECA

Agradecimentos

Agradeço minha orientadora Maria Evelynna pela disponibilidade e paciência..

Ao Milton José de Almeida por cada uma de suas aulas!!

À Corinta pelas grandes transformações que seu curso proporcionou à minha vida pessoal e profissional.

À Ana Lúcia Faria de Goulart, segunda leitora desta pesquisa, e às “crianças pequenas”...

Ao Fabrízio Melo, meu amigo e namorado, por todos finais de semana que disponibilizou para me ajudar a terminar esta pesquisa.

ÍNDICE

1. Introdução	02
2. Memórias de uma caminhada	03-06
3. Afinal que infância é essa?	07-09
4. Um pouco da história de uma “nova história”	10-13
5. Um novo impasse : O espaço	14-30
6. Criando um novo ambiente	30-33
7. Considerações Finais	47-48
8. Bibliografia	49-50
9. Anexos	

Introdução

O tema central da presente pesquisa é compreender o espaço físico enquanto condicionante da ação educacional com crianças de zero a seis anos, mais especificamente com de um a três.

Para tanto trataremos do embate entre o que as pesquisas sobre o tema apresentam e a realidade. Segundo a literatura da área, há a necessidade de se criar um ambiente que proporcione a interação entre adultos e crianças, um ambiente que registre as particularidades de sua comunidade, e que seja o reflexo da cultura local.

Trata-se de um estudo de caso em uma instituição de Educação Infantil na rede municipal de Campinas. Foram observados o ambiente e a forma como este é utilizado tanto pelas crianças como pelos adultos, entrevistou-se parcela das crianças que a freqüentam. Elaborou-se ainda um pequeno acervo de fotografias que registram o espaço. Os documentos da escola como por exemplo, o plano escolar, a planta e outros, também foram utilizados para compreender os em tornos do espaço educativo analisado.

Primeiramente apresenta-se uma reflexão sobre a trajetória de experiências da pesquisadora e do primeiro embate que enfrentou perante a(s) concepção(ões) de infância presentes no cotidiano da atuação pedagógica com a criança; em seguida a forma como o conflito entre a realidade e a concepção de infância foram desvendados através de leituras sobre o tema.

Posteriormente, descreve-se uma instituição de Educação Infantil da rede municipal de Campinas em “contraposição” à literatura da área no que diz respeito principalmente ao espaço físico. Nos últimos capítulos descrevemos o percurso realizado pela professora na tentativa de compreender esse ambiente, criando novos espaços num local que parecia oferecer pouca ou quase nenhuma opção.

Memórias de uma caminhada...

Esse é o terceiro ano que sou professora na rede municipal de Campinas, sendo que estou na rede pública de Paulínia a quatro anos e anteriormente atuei na esfera particular, também de Campinas.

Minhas experiências foram bastante diversificadas em cada rede da qual fiz parte. Na rede particular minha experiência teve início em 1989, quando fui contratada como auxiliar de professora, mas na verdade fiquei responsável pela sala. Estava cursando a 8ª série e não tinha experiência nenhuma como educadora, a única coisa que eu tinha “era gostar de criança”, que por não ter sido nem um pouco suficiente me levaram a uma grande frustração e à busca de subsídios para trabalhar na área. Resolvi então cursar o magistério e parei de trabalhar. A propósito essa escola não passava de um depósito de crianças, fugindo daquilo que entendo como seriedade no trabalho. Mas isso não é o mais importante, mesmo porque essa escola parou logo de funcionar. O mais importante é o motivo pelo qual estou citando esse exemplo. Desde então uma grande ansiedade invadiu meu pensamento: saber o que fazer para ajudar crianças pequenas a aprenderem, ou qual o papel de um professor na sala de aula, especificamente o professor de educação infantil. E essa dúvida vem me perseguindo desde então, em proporções diferentes, mas ainda me atormentando.

No início do magistério, a decepção foi grande, já que o que eu esperava era uma espécie de manual de educação infantil, que tivesse fórmulas e receitas de como ensinar cada conteúdo previsto no currículo escolar. Estudei várias coisas tanto relacionadas à educação, como ao vestibular que faria próximamente, mas o que ficou mais vivo em meu pensamento naquele momento foi o tal do construtivismo, principalmente o que se refere à teoria de Piaget.

Ele parecia ser a chave para todas as minhas agonias...mas logo que comecei a trabalhar, também numa escola particular, só que desta vez dentro de um grupo sério (apesar de ser uma escola pequena¹) me deparei com uma realidade bastante diferente das

¹ Considero um trabalho sério já que todos no grupo estavam preocupados em aprender, crescer, modificar. Tínhamos reuniões semanais para estudo e planejamento, além de uma coordenadora que se reunia conosco também semanalmente para orientar nosso trabalho.

“sessões de análise de Piaget”, mesmo porque não se tratava de uma criança por vez e sim de um grupo de no mínimo quinze crianças.

Foi então que começaram a surgir uma série de dúvidas: como partir do tal contexto da criança usando essa teoria, como intervir, o que planejar, o que avaliar, o que a criança pode fazer, quais são os tais limites? Em outras palavras o que é que estou fazendo aqui e para que serve essa tal teoria?

Logo ingressei na universidade e no primeiro semestre adivinha o que estudei? Acertou...Piaget! E o mais engraçado é que a professora desse curso dava questionários como provas que precisavam ser respondidos tal e qual estavam no texto, ou seja, precisávamos decorar o texto para passar na disciplina Psicologia I, bastante construtivista, não é mesmo?

Foi na disciplina Didática I que li o texto “Desconstruindo o construtivismo”, e depois de muitas dores (já que eu sabia que aquilo que eu estava me propondo a fazer, seguir a teoria de Piaget , não era possível, e que eu não tinha um novo caminho a seguir!?) finalmente percebi para que servia essa teoria : para que eu pudesse compreender como aquelas crianças, que faziam parte de outra realidade APRENDIAM, para que eu pudesse compreender melhor minhas crianças em situações de aprendizagem. Assim como outras teorias da psicologia que estudei durante esse período: Vygotsky, Wallon, Skinner, Freud, tendo este último uma contribuição especial.

Na busca de novos caminhos conheci não só alguns textos de Freinet, como também uma prática escolar baseada em sua pedagogia, na Escola Curumim, durante um estágio que realizei com uma professora de primeira série. Apesar de não responder a todos os meus questionamentos, conheci uma forma de aprender-ensinar bastante coerente com aquilo que eu acreditava até então.

O “livro da vida”, “o jornal de parede”, “a roda inicial”, os “ateliers”, o planejar junto com as crianças, a participação de cada um na coleta de dados para conhecer algo que era interesse comum do grupo. Na primeira série e junto à prática daquela professora funcionava tudo de uma forma especial, com bastante interesse de ambas as partes. Era um grupo e tanto, mas eu só os visitava uma vez por semana e conhecia muito pouco a respeito das ansiedades, da forma como essa professora planejava, avaliava, estudava...

Foram essas experiências que me ajudaram a trilhar um novo caminho dentro da escola onde eu estava trabalhando e muitas coisas modificaram meu trabalho... o que ficou foi a eterna dúvida, será que estou interferindo demais ou menos do que deveria? Até onde posso ir? Como vou avaliar cada criança? Será que é isso que eles estão interessados em aprender aquilo que estou trazendo, ou eu os estou induzindo?

Durante cinco anos trabalhei com crianças de classe média-alta, que possuíam uma realidade muito parecida com a minha própria história escolar... uma infância de contos de fadas que eu vivi, e que durante minha experiência nessa escola, voltou a me encantar e trouxe a minha memória lembranças vivas de um tempo passado².

Foi quando comecei a trabalhar em Paulínia, e tamanho foi o choque quando me deparei com aquelas crianças com atitudes de adulto, que sabiam se defender e atacar muito bem, sem a minha ajuda. Aliás, fui alvo principal de ataques durante um bom tempo...

Mais uma vez me senti desarmada, sem um caminho a percorrer, e minha paixão pela profissão ficou bastante abalada. Cheguei até a pensar se o único motivo que me levou a escolher a profissão foi o “gostar de crianças”, porque se fosse, estava na hora de desistir porque descobri que aquelas criança estavam distantes daquilo que sempre tive como concepção de criança.

Meu engano estava exatamente na concepção de infância que tinha, e por mais inocente que isso possa parecer, eu acreditava que as crianças eram todas iguais, com exceção das diferenças de personalidade, o resto deveria ser tudo igual, mesmo porque todo lugar que eu ia, conhecia, tinham crianças de uma mesma classe social.

Esse foi o segundo grande conflito que enfrentei. Recapitulando, a primeira crise entre teoria e prática que passei foi em função da maneira pela qual estava utilizando uma teoria da psicologia em minha prática. Foi principalmente através de uma prática baseada nas concepções de Freinet que compreendi que a escola não é um laboratório, mas sim um lugar vivo, onde trocas de todos os tipos acontecem – conhecimento, afetivo, social – entre criança/criança, criança/adulto, adulto/adulto.

² Infância que a “burguesia” nos prometeu, mas que na verdade faz parte de uma grande fantasia que as crianças com as quais passei a trabalhar não tinham acesso.

Quando comecei a trabalhar em Paulínia minhas expectativas eram muito grandes porque a estrutura física era muito interessante, grandes salas, espaço externo com brinquedos como Casa do Tarzan, balanços, campo de futebol, casa de boneca, tanques de areia, cada sala com seu banheiro, chuveiro, privadas adequadas, etc. O grupo de professores muito organizado, interessado, e eu com toda minha insegurança tive a oportunidade de trabalhar em parceria com uma professora mais experiente, a qual cobria o período da tarde e eu o da manhã. Tanto ela como a monitora e as parceiras seguintes foram muito importantes para minha formação.

O local e o grupo de professores pareciam perfeitos (não no sentido divino, mas como local e pessoas que possuem uma experiência de troca, busca, estudo, etc.), mas as crianças não tinham nada de parecido com aquilo que eu esperava...Esse foi o segundo grande impasse: uma concepção de infância.

Portanto, é preciso compreender que a infância não é única, está inserida dentro de uma sociedade de classes, não existindo em si mesma. Não existe *a criança*, mas sim “indivíduos de pouca idade que são afetados diferentemente pela sua situação de classe social”.(KRAMER, Sônia,1995). Em outros termos, as possibilidades de viver a(s) infância(s) dependem das condições de vida em que as crianças estão inseridas.

Afinal, que infância é essa?

“Era uma vez, há muitos e muitos anos, um rei e uma rainha que eram muito infelizes porque não tinham filhos. Faziam peregrinações para muitas terras, tomavam águas mágicas de muitos países, mas nada adiantava. Já tinham quase perdido as esperanças, quando finalmente a rainha deu à luz a uma menina. Foi uma grande alegria por todo o reino”. (Leete-Hodge, Lornie, 1981)

A infância é retratada nos contos de fadas como algo mágico, esperado, alegre... Não só nos contos, como também em nossa própria sociedade.

Esse sentimento de infância resulta *“numa dupla atitude com relação à criança: preservá-la da corrupção do meio, mantendo sua inocência, e fortalecê-la, desenvolvendo seu caráter e sua razão”.* (KRAMER, Sônia, 1995)

Porém, ao contrário do que eu pensava, a infância, nem sempre foi encarada dessa forma. Esse sentimento que possuímos em relação à infância foi construído historicamente.

Anteriormente ao século XVI, o índice de mortalidade infantil era extremamente alto, sendo que aquelas crianças que sobreviviam entravam diretamente para o mundo dos adultos.

A partir desse mesmo século foram feitas várias descobertas científicas que possibilitaram o prolongamento da vida, surgindo também em relação à criança um “duplo sentimento” que são contraditórios e que permeiam o comportamento das pessoas até hoje : *“(...) uma considera a criança ingênua, inocente e graciosa e é traduzida pela paparicação dos adultos; e outra surge simultaneamente à primeira, mas se contrapõe a ela, tomando a criança como um ser imperfeito e incompleto, que necessita da moralização e da educação feita pelo adulto”.* (ARIÉS, 1981)

Assim como o novo sentimento de infância, a instituição familiar, que passa a ser constituída por um número menor de crianças, também assume funções diferentes perante a sociedade, mudando também o sentimento de família.

Percebe-se portanto, como dito anteriormente, que a idéia de infância não existiu sempre da mesma maneira, ela se modificou através da história, e é “*uma idéia de infância universal (...) divulgada pelas classes dominantes baseada no seu modelo padrão de criança, justamente a partir dos critérios de idade e de dependência do adulto, característicos de um tipo específico de papel social por ela assumido no interior dessas classes*”. (KRAMER, Sônia, 1995)

Escolhi da história “A Bela Adormecida” o primeiro parágrafo apresentado nesse texto, para evidenciar o sentimento de infância existente no conto, que inclusive está utilizando a concepção de universal de família burguesa num contexto diferente do capitalismo. Esse fato nos dá a impressão de que a infância sempre foi encarada da mesma forma em diferentes sociedades, o que pudemos observar que não é verdadeiro. Temos então uma idéia de infância “imbuída de significações ideológicas”, tanto na relação criança-adulto, como na e relação criança-sociedade (CHARLOT, 1983). Compreender isso, foi essencial para que eu pudesse não só entender a realidade das crianças com as quais estava trabalhando, como também para perceber que muitas de minhas frustrações ocorriam em função das minhas atitudes em relação à elas. Percebi que educava as crianças “como um ser fraco e incompleto” e ainda, “como um ser que não é, ainda, social”, já que desempenha “*apenas um papel marginal nas relações sociais, tanto em relação a produção dos bens materiais, quanto em relação à participação nas decisões*”. (KRAMER, Sônia, 1995)

Porém, elas eram bastante diferentes desse ser fraco, que não desempenha um papel social. Pelo menos emocionalmente era possível ver que sabiam se defender muito bem da minha posição autoritária perante elas. A resistência era parecida com uma muralha, a qual não consegui, quebrar, pular ou ultrapassar, enquanto não percebi que a forma como eu as tratava era muito diferente daquilo que elas vivenciavam. Suas histórias eram muito intensas, e elas tinham uma vivência que eu mesma não tinha. Entre pais presos, mães prostitutas, alcoolistas, brigas com facadas, armas e porradas, eles aprenderam a viver e sobreviver, e com certeza tratá-los como se fossem criancinhas puras, inocentes e incapazes não era o melhor caminho.

Compreendi então que: “(...) o desenvolvimento da criança é percebido como desenvolvimento cultural das possibilidades naturais da criança, ao invés de socialmente determinado e condicionado por sua origem social. Fica dissimulada a rejeição social e econômica que a criança sofre, e fica mascarado o papel efetivamente desempenhado no trabalho pelas crianças provenientes de classes sociais em que este trabalho é fundamental para a sua sobrevivência, dadas as condições precárias de vida, fruto das desigualdades existentes na estrutura da sociedade capitalista”. (KRAMER, Sônia, 1995)

Através da experiência com crianças de uma camada social desfavorecida, juntamente com as leituras em relação à infância, foi possível conhecer diferentes infâncias dentro de nossa sociedade, e não somente aquela infância encantada que eu acreditava existir. Portanto, pode-se dizer que a práxis desmontou o utópico.

Um pouco da história de uma “nova história”

No ano de 2000, ingressei numa nova realidade. Uma escola de periferia de Campinas.

Essa instituição de Educação Infantil localiza-se na Vila San Martin, que pertence ao Distrito Nova Aparecida, Região Norte de Campinas. A vila é pequena e possui mais ou menos trezentos e cinqüenta lotes não sendo totalmente asfaltada. Água luz e esgoto, foram conquistas feitas através de muita luta junto a Prefeitura Municipal. A vila vem crescendo muito nos últimos anos e inclusive possui até uma área de ocupação.

Muitas mães trabalhadoras do bairro não tinham com quem deixar seus filhos, e através de algumas reuniões, lideradas por um morador do bairro, Sr. Adão Emiliano, decidiram fazer a reivindicação de uma creche. Enquanto a construção de uma creche não era realizada a própria esposa do Sr. Emiliano, recebeu em sua casa várias crianças e mães voluntárias a ajudavam.

“Os materiais para a construção da creche, foram adquiridos através de multirões, pedidos pelos moradores engajados nesse trabalho e pelo Projeto Rondon. A mão-de-obra sempre esteve a cargo da Prefeitura Municipal, tendo como sede a Sub-Prefeitura de Nova Aparecida”.

A construção da creche teve início no ano de 1978 e era monitorada pelo Sr. Emiliano, o qual faleceu antes de terminar a obra, que ficou parada por um bom tempo durante a primeira administração de José Roberto Magalhães Teixeira (1984-88).

Foi na administração de Jacó Bittar que os moradores do bairro se organizaram reivindicando o término da obra e aproximando-se ao término da mesma manifestaram o desejo de que a creche tivesse o nome de seu idealizador : Sr. Adão Emiliano. *A CEMEI “Adão Emiliano” foi oficialmente inaugurada em 11 de maio de 1992, pelo então prefeito Jacó Bittar.* Hoje funciona em tempo integral das sete as dezoito horas. Inicialmente

atendia crianças entre quatro meses e sete anos, mas atualmente atende crianças entre um ano e seis meses a sete anos.³

A escola conta com um quadro de sete professores, a diretora, a vice-diretora, seis monitoras, duas serventes e duas cozinheiras.

As crianças estão “divididas” por faixa etária e para ingressar na CEMEI precisam ter um ano e seis meses completos. As salas da qual podem fazer parte são:

- M I (um ano e seis meses a dois anos e seis meses): 18 crianças, período integral;
- M II (dois anos e seis meses a três anos e seis meses): 20 crianças, período integral;
- M III (três anos e seis meses a quatro anos e seis meses): 36 crianças, período parcial, 18 no período da manhã e 18 no período da tarde;
- Infantil (quatro anos e seis meses a cinco anos e seis meses): 36 crianças, período parcial, 18 no período da manhã e 18 no período da tarde;
- Pré (cinco anos e seis meses a seis anos e seis e meses): 36 crianças, período parcial, 18 no período da manhã e 18 no período da tarde;

A unidade é de porte médio, possui aproximadamente 320m² de área construída e atende 40 crianças no período integral e aproximadamente 90 crianças em período parcial. As salas possuem em média 18 m² e o número de crianças por sala respeita o padrão de uma criança por metro quadrado.

Cada turma tem uma professora responsável, com exceção das salas de Maternal I (MI) e Maternal II (MII) – que funcionam período integral- e possuem uma professora para ambas as salas e seis monitoras.

Nos dois primeiros anos que participei do grupo de professores, fui responsável pelas crianças de três a quatro anos. Essas crianças passavam o período de quatro horas na creche.

³ Anexo I: Descrição disponível junto à planta escolar, não constando no mesmo seu autor. Algumas das informações contidas em meu texto também foram adquiridas através do depoimento da Sra. Emiliano, quando uma das turmas fez a tentativa de recuperar a história da CEMEI entrevistando-a.

Atualmente, sou responsável por duas salas MI (18 crianças matriculadas) e MII (20 crianças matriculadas), juntamente com seis monitoras, porém o centro não possui nenhuma sala que comporte esse número de crianças (38).

As crianças foram divididas em duas salas (três em cada uma) por faixa etária, MI na sala menor e MII na sala maior. As monitoras decidiram se dividir por setor, ou seja três ficaram responsáveis pelo maternal I e as outras pelo maternal II, para dar uma atenção mais individualizada para cada turma.

A sala onde ficariam as crianças do MII era considerada emergencial, mas na verdade era utilizada como sala fixa. Dentro desta sala encontravam-se pilhas de cadeiras e mesas, várias caixas de brinquedos, todos sujos, amontoados e misturados, além de armários totalmente desorganizados, onde dificilmente se encontrava alguma coisa... Nas paredes apenas um quadro negro pequeno e um varão quase caindo, pregado na altura dos adultos. A outra sala também tinha cadeiras e mesas e mais um monte de brinquedos dentro de caixas, porém o armário desta sala estava organizado.



Sala organizada segundo um modelo escolar : note que são utilizadas mesas e cadeiras e um abecedário para crianças de três anos.

primeira dificuldade que encontrei no novo ambiente de trabalho foi: Como me dividir em duas salas? A proposta inicial foi alternar os dias de trabalho em cada sala: segunda e quarta no MII, e terça e quinta no MI, usando a sexta-feira para atividades coletivas juntando as duas turmas.

Não tivemos dias suficientes para planejar o espaço de cada sala. Aliás em nossas reuniões de planejamento conseguíamos produzir muito pouco, ou quase nada. Não nos conhecíamos, não sabíamos do trabalho umas das outras, nem possuíamos objetivos comuns no grupo. O trabalho do ano anterior tinha uma base bastante autoritária, dado que a professora “mandava” e as monitoras “obedeciam” (ou burlavam essas “leis”), elas não participavam do planejamento junto com a professora, e as monitoras tinham este tipo de atitude com as próprias crianças.

Um segundo agravante estava na falta de experiência por minha parte com as crianças menores, e apesar de eu ter feito até estágio durante o curso universitário, fiquei realmente preocupada com uma série de aspectos relacionados à educação das crianças pequenas, que eram bastante diferentes das crianças maiores. Isso me causou uma série de angústias e dificuldades e, assim como aponta NASCIMENTO, foi um conflito que fez parte da história da inserção das crianças pequenas nos núcleos:

“a chegada dos dois anos à escola provocou uma verdadeira revolução nas escolas e uma crise de identidade nas instrutoras, que não se sentiam nem motivadas nem formadas para se encarregarem de crianças que não falam, ou falam muito pouco, e que teriam uma necessidade individualizada com os adultos. (...) Nessa época quando se escolhia trabalhar com os pequenos, era para aproveitar-se das duas horas de tranquilidade durante a sesta das crianças. Faltavam candidatas experimentadas, muitas instrutoras debutantes eram enviadas a sessões dos pequenos. Ora, não havia jamais vindo a idéia de um professor da escola normal – em decorrência a um universitário ou a um professor de liceu – de fazer seus normalistas estagiarem com bebês” (Madame Daldé Gilbert-Collet, inspetora de Val-de-Marne, França, 1990, abud NASCIMENTO, 1999)

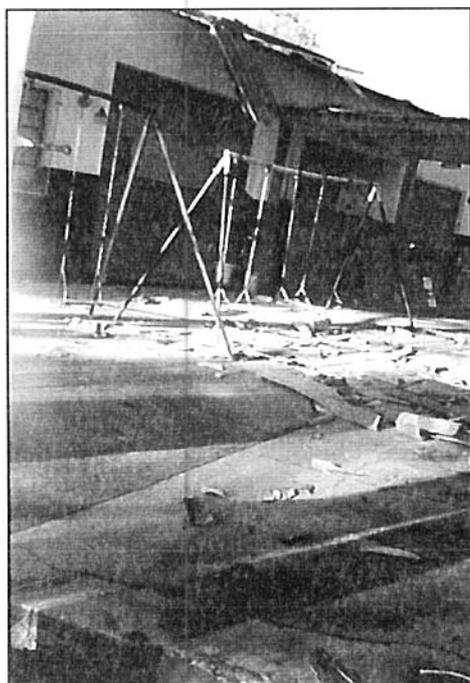
O primeiro passo foi conscientizá-las e até me conscientizar de que precisávamos trabalhar juntas, com uma proposta comum. As discussões iniciais foram centradas na autonomia das crianças, conversávamos muito sobre que tipo de liberdade e autonomia seriam dadas a essas crianças propiciando também um ambiente de cooperação.

O segundo foi procurar informações sobre as características do desenvolvimento destas faixas etárias e juntamente com as monitoras (que já possuíam experiência com essa faixa etária) e as crianças que faziam parte do grupo em questão, pensar numa forma de trabalhar.

O fator que nos pareceu mais importante para desenvolver uma prática coerente com os objetivos que levantamos como essenciais foi a organização do espaço físico. “ *A organização dos espaços das creches é importante porque: Afeta tudo que a criança faz. Interfere na percepção que a criança tem da realidade. Modifica suas atividades e a maneira como utiliza os materiais. Influencia sua capacidade de escolha. Transforma as interações com as outras crianças com os profissionais e com seus pais*”. (ABRAMOWICZ, 1995)

Porém as salas não possuíam nada de atraente, até a pintura era feia... Tanto o espaço interior, como exterior da creche eram pequenos e nada adequados para crianças de um a três anos. Além disso não recebíamos nenhum fundo, fora a APM - que geralmente era utilizada para tentar manter a instituição em pé e funcionando – que pudéssemos utilizar para pequenas reformas que potencializassem esse espaço.

Mas uma tempestade durante um fim de semana, atingiu a unidade destelhando o bloco A⁴. Para que pudéssemos continuar atendendo as crianças, a comunidade cedeu o espaço comunitário do bairro para funcionar o período parcial e o período integral foi atendido na outra parte da escola.



Destelhamento da creche : 18-03-2002

⁴ Anexo 2 : planta geral da unidade elaborada por mim, planta dos blocos 1 e 2 e descrição da creche.

Tudo que já não era organizado, foi amontoado dentro dos dois banheiros do prédio 2, local onde as crianças deveriam tomar banho, mas mesmo antes disso acontecer, já não o faziam. A diretoria passou a funcionar no corredor, as salas eram locais para dormir, brincar, trocar e comer, mesmo sendo muito pequenas e estando entulhadas. Microondas no banheiro, assim como o telefone... (Dentro dessa bagunça, até novos moradores vieram fazer parte do cenário: camundongos!). Precisei enfrentar um caos total para começar a pensar em que espaço é esse que eu quero proporcionar para as crianças. Mesmo porque meu grande questionamento estava ao redor da adequação do espaço para crianças menores. Não dava mais para continuar “brincando de escolinha” com crianças tão pequenas e muito menos continuar a tratá-las, como coloca NASCIMENTO⁵, como alunos(as). A Educação Infantil possui particularidades muito diferentes da estrutura escolar e percebendo essa diferença passei a me fazer uma série de questionamentos: Será que essas crianças precisam de uma *escola*? O que deve ser levado em conta para organizar esse espaço? Será que essas crianças precisam de professoras, monitoras, diretora, vice-diretora, coordenadora pedagógica? O que é que elas precisam?

⁵ NASCIMENTO, Maria Evelynna. *Os profissionais da Educação Infantil e a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*

A questão do perfil do profissional da educação infantil é analisada por NASCIMENTO tendo em vista “as consequências da determinação legal acerca (desses) profissionais”⁶. E apesar de não discutirmos a LDB no local onde trabalhamos, ou seja, apesar de não termos uma opção consciente em relação a forma como trabalhamos, a opção por uma estrutura escolar da Educação Infantil é evidente em nossa creche. Digo que é evidente, pelas opções feitas na escolha dos profissionais que atuam junto a cada faixa etária: as crianças menores precisam de muitos *cuidados*, e para isso não é necessário um profissional especializado - teoricamente – qualquer pessoa pode trocar fraldas, alimentar, dar banho nessas crianças! Será? Já as crianças mais velhas precisam de um professor, já que a *educação* é muito importante para elas! Será? O próprio espaço é organizado seguindo um padrão escolar: mesas e cadeiras... Será que é disso que as crianças precisam, aprender a se sentar?

A questão do espaço passou então a ser um grande obstáculo para uma prática coerente ao nosso primeiro objetivo : proporcionar que a criança desenvolva atitudes de autonomia e cooperação, mesmo porque “ *As crianças precisam de espaço para movimentar-se, correr, esconder-se, olhar-se, engatinhar, andar, saltar, pular, experimentar, mexer, descansar. Precisam ficar sozinhas ou com amigos: para desenhar, construir, pintar, dançar, ler, pensar, cantar, pesquisar, conversar, subir, descer, brincar, gritar ou ficar quietas, comer, dormir...* ” (ABRAMOWICZ, 1995)

Não encontrei campo dentro do grupo de professoras da CEMEI para discutir a questão do espaço ainda. Não possuímos ainda um projeto pedagógico que seja realmente coletivo como consta no próprio Plano Escolar: “Torna-se difícil, dentro da U.E., dizer que o trabalho é norteado totalmente dentro de uma única abordagem, pois o corpo docente é diversificado e se modifica todos os anos, devido às substituições”⁷, mas resolvi começar a pensar junto com as monitoras formas de organizar, pelo menos, os ambientes relativos às crianças de zero a três anos.

E foi assim que as mudanças começaram...

⁶ NASCIMENTO, Maria Evelyn. *Os profissionais da Educação Infantil e a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*

⁷ Anexo 3: Plano Escolar, CEMEI “Adão Emiliano”, pág. 2

Um novo impasse: o espaço

*“Era uma creche muito engraçada
não tinha teto, não tinha nada
Ninguém podia entrar nela não
porque na creche não tinha chão
Ninguém podia dormir na rede
porque na creche não tinha parede,
Ninguém podia fazer xixi
porque pinico não tinha ali
mas era feita com muito esmero
na rua dos bobos número zero”.*

...E abrindo uma porta sanfonada, uma sala, que possuía dois armários de ferro, mesinhas empilhadas com as cadeiras junto à divisória, dois grandes vitrôs na parede contrária à divisória, caixas e caixas de brinquedos amontoados, e nada que ficasse organizado e disponível para as crianças! Tinha um pequeno quadro negro e uma “varão”⁸ pregado (quase caindo) na parede direita, também fora do alcance das crianças

Esta era uma das salas que iríamos utilizar... Essas características do espaço físico da sala refletiam uma prática pedagógica centrada na figura do adulto: qualquer atividade a ser desenvolvida pelas crianças dependiam do professor. Não havia nada disponível e organizado para que as crianças pudessem bagunçar e organizar novamente, até mesmo “inventando moda”!



Sala do Maternal II no ano de 2001.
Funciona como sala emergencial, pois era parte do refeitório.

⁸ Varão é um suporte utilizado para pendurar cortinas, mas não era utilizado para este fim, já que estava localizado longe das janelas.

No fim do corredor dois degraus, uma porta de madeira e uma sala. Do lado esquerdo um “canto” (que não chega a ser um corredor), atrás desse canto um armário de alvenaria com portas, em frente o armário, duas pias de inox (uma com chuveiro, outra com uma torneira, separadas por um trocador; embaixo armários com portas. Ainda na sala do lado direito, duas janelas e uma porta de correr que dá acesso ao que as monitoras chamam de solário, cercado por uma mureta e atrás um tanque de areia com um gira-gira e um escorregador, ambos muito enferrujados. Aqui também só haviam caixas de brinquedos, mesas e cadeiras...E esta era a segunda sala que iríamos utilizar.

Estes eram os dois ambientes que ficavam sob nossa responsabilidade (minha e das monitoras) e portanto, os dois lugares que poderíamos mudar segundo nossas necessidades. Porém, como estava tudo temporariamente interditado (graças ao temporal), decidimos respeitar as ordens da Defesa Civil e toda esta confusão mental para analisar quais seriam as mínimas transformações necessárias...

Fizemos então um levantamento, em forma de tabela, que contém cento e sete questões relativas ao espaço na Educação Infantil⁹, utilizando os conceitos adequado, precário e inadequado comparando-o ao espaço real da creche em questão. Respondi também cada questão¹⁰, levantando algumas possibilidades de adaptação do espaço para discussões posteriores sobre como criar o “novo ambiente.”

⁹ Estas questões fazem parte do artigo sobre a organização do espaço físico nas creches e pré-escolas por Ana Lúcia Goulart de Faria (FARIA, 1999)

¹⁰ Anexo 4 : Questionário respondido.

PERGUNTAS	ADEQUADO	RELATIVO	INADEQUADO
1. <i>O ambiente é adequado para trabalhar e fazer experiências com os quatro elementos: água, terra, ar e fogo?</i>			X
2. <i>Possui sombra para as crianças brincarem ao ar livre?</i>			X
3. <i>Possui local coberto para brincar em dias de chuva?</i>			X
4. <i>Possui um ambiente agradável e bem projetado</i>			X
5. <i>O ambiente prazeroso do ponto de vista estético?</i>			X
6. <i>O ambiente desafiador do ponto de vista da curiosidade infantil?</i>			X
7. <i>Possui locais iluminados, ventilados e acolhedores?</i>			X
8. <i>Possui locais aquecidos no inverno e frescos no verão?</i>			X
9. <i>É flexível para a organização de novas experiências(educação ambiental, fotografia, etc.)?</i>			X
10. <i>É flexível para variar a organização das turmas?</i>			X
11. <i>É flexível para a criança poder escolher as atividades que vai realizar</i>		X	
12. <i>É flexível para distribuição das crianças sob responsabilidade de um adulto em pequenos grupos concomitantemente?</i>			X
13. <i>Possui fundos para reforma?</i>			X

<i>14. Possui fundos para manutenção?</i>		X	
<i>15. Possui um projeto arquitetônico que respeite os critérios de todos os indicadores de qualidade definidos pela área?</i>			X
<i>16. Possui decoração e mobiliário que garantam um trabalho pedagógico de qualidade?</i>		X	
<i>17. Possui local para guardar objetos e móveis quebrados enquanto aguardam conserto?</i>			X
<i>18. Possui local adequado para professores brincarem com as crianças?</i>			X
<i>19. Possui local para a criança poder ficar sozinha?</i>			X
<i>20. Possui uma organização do espaço que favoreça o convívio das crianças maiores com as menores?</i>			X
<i>21. Possui uma organização do espaço que favoreça o convívio das crianças portadoras de necessidades especiais com as outras?</i>			X
<i>22. Possui local onde as crianças possam ficar entre elas, sem o adulto?</i>			X
<i>23. Possui local adequado para a criação de ambientes fictícios pelas crianças?</i>			X
<i>24. Possui varal para pendurar os desenhos das crianças à sua altura?</i>		X	
<i>25. Possui local para a construção de grandes engenhocas?</i>			X
<i>26. Possui janelas na altura das crianças para que elas possam olhar o que tem do outro lado?</i>			X
<i>27. A maçaneta das portas estão na altura das crianças permitindo que movimentem-se com independência ocupando todos os espaços do Centro?</i>			X

28. Possui variadas oportunidades de jogos internos e externos?				X
29. Possui espaço suficiente para a atividade de repouso das crianças e dos adultos?				X
30. Possui locais suficientemente amplos para consentirem liberdade de movimento, espaços para atividades mais tranquilas e espaço para relaxamento aconchegante?				X
31. Possui local para muitas crianças, de diferentes idades brincarem juntas?				X
32. Possui locais para pequenos grupos?	X			
33. Possui flexibilidade dos espaços permitindo que as crianças desenvolvam atividades no seu próprio ritmo, podendo permanecer no local e depois encontrar o grupo				X
34. Os apetrechos da cozinha estão guardados em locais adequados (para serem não serem manipulados pelas crianças)?				X
35. A cozinha é um ambiente educativo, permitindo acesso das crianças à mesma?				X
36. Possui locais prazerosos para as crianças comerem?				X
37. Possui dispensa ambientada na temperatura adequada?				X
38. Possui geladeira?	X			
39. Possui local adequado para as mães poderem amamentar os bebês?				X
40. Possui pias e bebedouros na altura da criança e dos adultos?			X	

41. Possui água abundante para todas as necessidades: brincar, cozinha, limpeza, banheiro, etc.?			X	
42. O chuveiro e o esguicho estão na altura das crianças, no espaço externo, para brincarem?				X
43. Possui tanque de água?				X
44. Tanque de areia?		X		
45. Cobertura para o tanque de areia?				X
46. Árvores, flores, jardim horta, e os respectivos apetrechos para aprender e conservar?				X
47. A grama está devidamente aparada?				X
48. Possui cabides suficientes e na altura do usuário?			X	
49. Espaço suficiente para o pessoal adulto?				X
50. Local para o intervalo dos adultos?				X
51. Espaço para os pais?				X
52. Espaço adequado para reunião com a comunidade?				X
53. Local para receber as visitas?				X
54. Local visível para quadros de avisos?				X

55. Armários suficientes?				X
56. Local apropriado para ouvir som alto?				X
57. Biombos para flexibilizar os espaços?				X
58. Brinquedos guardados em altura que as crianças alcancem?			X	
59. Livros de literatura infantil com e sem palavras em altura adequada?			X	
60. Biblioteca ambientada adequadamente para os adultos?				X
61. Local adequado para os professores fazerem seus planejamentos, relatórios, reuniões, cursos, etc.?				X
62. Brinquedos estruturados no espaço externo em condições seguras de higiene e segurança?				X
63. Faca e tesoura sem ponta em local de acesso às crianças?			X	
64. Instrumentos e apetrechos que representam algum perigo guardados em locais que possibilitem o aprendizado de seu uso adequado?				X
65. Mesa e cadeira da altura dos adultos para as crianças aprenderem a usar?				X
66. Luz elétrica?		X		
67. Ventilador?		X		
68. Água quente para os banhos?			X	

69. Vaso sanitário na altura das crianças?	X		
70. Banheiros e vestiários adequados e funcionais para crianças e adultos?		X	
71. Banheiros que permitam que as crianças tomem banho sozinhas, sendo a altura da torneira adequada?			X
72. Banheiros que garantam o bem estar da coluna da professora quando é ela quem dá o banho?			X
73. Escada para a utilização do teto e das paredes?		X	
74. Possui banheiro misto?			X
75. Banheiros coletivos para as crianças?	X		
76. Banheiro privativo?			X
77. Condições para que as crianças aprendam a utilizar os aparelhos existentes?			X
78. Ambiente permanentemente limpo (do ponto de vista da higiene)?		X	
79. Material que permita que as próprias crianças possam montar e desmontar os ambientes? Por e tirar as mesas?		X	
80. Espaço adequado para as crianças jogarem sozinhas, em pequenos e grandes grupos?			X
81. Crianças possuem acesso ao local onde estão os instrumentos musicais?		X	
82. Aos discos?			X

83. Aos marionetes, teatro de bonecos, teatro de sombras?		X	
84. Possui casinha de bonecas?			X
85. Espelho na altura das crianças, inclusive nos trocadores?		X	
86. Escada para a criança subir no trocador., que deve estar na altura do adulto?		X	
87. Almojarifado ambientado na temperatura adequada?			X
88. Sala ambiente, laboratório, atelier, ou espaços para múltiplos usos permitindo a criação de novas formas de organização acordo com a programação semanal/mensal?			X
89. Espaço climatizado para a infra-estrutura de informática e equipamentos multimídia?			X
90. Comunicação entre os espaços internos e externos?			X
91. O ambiente é instigante para novas descobertas, exploração e pesquisa?			X
92. Possui espaço adequado para animais?			X
93. Espaço adequado para guardar alimento e material para o cuidado com animais?			X
94. Local e material para os primeiros socorros?		X	
95. Instalações sanitárias de higiene em todos espaços da instituição?			X
96. Riscos e perigos evidentes estão sob controle? Existem amortizadores de queda?			X

97. Possui acesso possível e ágil para as crianças ou adultos portadores de necessidades especiais?				X
98. Segurança no ambiente externo e interno?				X
99. Saída de emergência?				X
100. Extintor de incêndio?	X			
101. Poço ou água encanada?	X			
102. Fossa ou equivalente impedindo esgoto a céu aberto?	X			
103. Tamanho do espaço adequado, favorecendo o cuidado/educação de qualidade para a quantidade de crianças usuárias?				X
104. Rampas alternativas às escadas?				X
105. Espaço interno/externo para os bebês conviverem com as crianças maiores?				X
106. Espaço interno/externo para os bebês conviverem entre eles se movimentando e se conhecendo?				X
107. Local e mobiliário adequado para o sono longo dos bebês e cortinas?				X
TOTAL	10	20	77	
TOTAL PERCENTUAL	9.3%	18.7%	72%	

Através dos resultados apresentados por esta tabela fiquei bastante desanimada, pois como pudemos observar 72% dos critérios que garantem uma creche de qualidade estão inadequados em nosso espaço, 18.7% estão em situação precária e somente 9.3% das questões estão adequadas.

Para analisar as conseqüências dos resultados acima citados e para compreender como este núcleo está ou não respeitando suas crianças, irei dividir estas questões em doze itens que correspondem exatamente aos Direitos Fundamentais das Crianças, contidos no documento elaborado por CAMPOS e ROSEMBERG¹¹, e gostaria de ressaltar que nem todos estão diretamente ligados ao espaço físico e por isso não serão comentados:

- **“Nossas crianças têm direito à brincadeira”**

Para haver brincadeiras é preciso possuir brinquedos (diferentes objetos), crianças e adultos (não necessariamente), e espaço para brincar.

Sim, possuímos crianças e adultos que se encontram diariamente dentro de um ambiente que chamamos de creche.

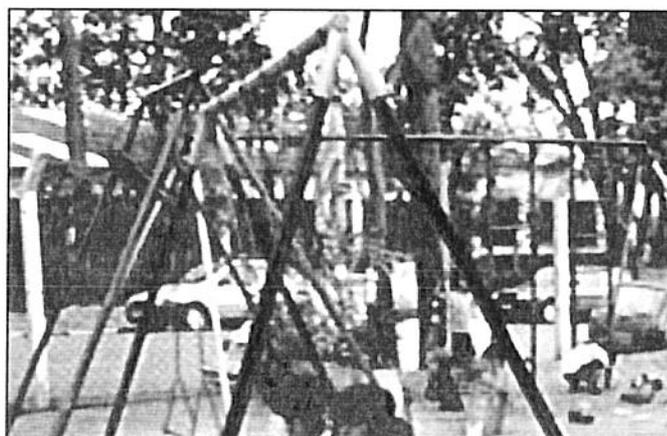
Não, não possuímos um espaço físico adequado que permita o desenrolar de diversas brincadeiras. Os espaços internos são pequenos não possibilitando que turmas de diferentes idades se misturem. Os brinquedos não estão disponíveis às crianças em todos os momentos e não estão guardados a altura das crianças, mesmo porque os armários de alvenaria presentes na maioria das salas começam suas prateleiras acima da cintura dos adultos, e portanto, acima da cabeça das crianças.

Os brinquedos são guardados em caixas: jogos misturados a bonecas, carrinhos, roupas, fantoches e outros, todos sujos e mal cuidados, não existindo uma organização visível. Portanto, a única coisa que ensinamos às crianças em relação à organização é que é para jogar tudo dentro de uma caixa, não importa o que seja.

¹¹ ROSEMBERG, Fúlvia e CAMPOS, Maria Malta. COEDI/MEC. Critérios para um atendimento em creches que respeitem os direitos fundamentais das crianças. Brasília, 1995.

O único espaço externo que possuímos é um parque com brinquedos de ferro (balança individual e coletiva e gira-gira) e um tanque de areia que por ficar descoberto muitas vezes torna-se perigoso, foco de doenças.

Os brinquedos de ferro são extremamente perigosos e o chão é de cimento não havendo nenhum amortizador de quedas, isto dificulta reunir mais do que trinta crianças nesse espaço. Por este motivo o tempo de brincadeiras livres das crianças é bem pequeno. Dividimos os horários para uso do parque e da areia por cinco turmas, dentro do período de três horas (as crianças permanecem quatro horas por dia na creche, sendo que pelo menos uma hora é reservada para alimentação e higiene pessoal). Essa organização torna os horários da rotina mais rígidos, já que cada turma tem um único horário para ocupar um determinado espaço.



Brinquedos de ferro no parque!

Não existe nenhum espaço específico para jogar bola, correr, pular, ou seja um local para movimentos mais amplos, que não seja o parque ou o tanque de areia. O parque é perigoso por causa dos brinquedos de ferro, o tanque de areia é pequeno.

- **“Nossas crianças têm direito à atenção individual”**

Um ambiente baseado no modelo escolar com mesinhas e cadeiras e atividades individuais e iguais para todos - elaboradas pela professora - dificilmente propiciarão à criança uma atenção individual. Acredito que um ambiente com diversas atividades (lugares para subir, descer, abrir, fechar, reorganizar, criar, etc.) que permita que as crianças façam opções, possibilite ao professor dar uma atenção individualizada às crianças.

- **“Nossas crianças têm direito a um ambiente aconchegante, seguro e estimulante”**

A sala onde as crianças passam o dia estavam organizadas exatamente como descritas no início deste capítulo:

...E abrindo uma porta sanfonada, uma sala, que possuía dois armários de ferro, mesinhas empilhadas com as cadeiras junto à divisória, dois grandes vitrôs na parede contrária à divisória, caixas e caixas de brinquedos amontoados, e nada que ficasse organizado e disponível para as crianças! Tinha um pequeno quadro negro e uma “varão”¹² pregado (quase caindo) na parede direita, também fora do alcance das crianças. No fim do corredor dois degraus, uma porta de madeira e uma sala. Do lado esquerdo um “canto” (que não chega a ser um corredor), atrás desse canto um armário de alvenaria com portas, em frente o armário, duas pias de inox (uma com chuveiro, outra com uma torneira, separadas por um trocador; embaixo armários com portas. Ainda na sala do lado direito, duas janelas e uma porta de correr que dá acesso ao que as monitoras chamam de solário, cercado por uma mureta e atrás um tanque de areia com

¹² Varão é um suporte utilizado para pendurar cortinas, mas não era utilizado para este fim, já que estava localizado longe das janelas.

um gira-gira e um escorregador, ambos muito enferrujados. Aqui também só haviam caixas de brinquedos, mesas e cadeiras...E esta era a segunda sala que iríamos utilizar.

A creche, apesar dos esforços da comunidade e direção para conservá-la, estava em estado decadente. Apesar de vários documentos enviados avaliando o péssimo estado do prédio e a necessidade de uma reforma geral urgente, ela só aconteceu depois que o núcleo foi destelhado.

A pintura estava quase totalmente danificada, as cores escolhidas para as paredes (área externa azul marinho e branco, área interna cinza e branco) eram deprimentes. Não sugere em nenhum momento que é um local para crianças brincarem, parece sim um hospital, ou qualquer outro lugar que não brinque com crianças. A cor cinza dos ambientes internos, o piso escuro e tacos, os tornavam ainda mais escuros. A sala do MI é mais ventilada e conta com mais luz natural, graças as duas portas que fazem parte da dela. A outra sala possui menos luminosidade, pois só possui vitrôs que são de vidro martelado impedindo a visualização do ambiente externo e a entrada total da luz. Além disto os vitrôs não ficam a altura das crianças, assim como interruptores, fechaduras, etc.

Os objetos e móveis que se quebram, ou são jogados fora ficam guardados “eternamente” no forro do telhado aguardando a reforma que nunca acontece.

Quando recebemos a comunidade, ou mudamos os horários das refeições para atendê-los no refeitório, ou deslocamos as crianças de uma das salas para outro local. O problema se agrava quando chove, pois a creche não possui nenhum local coberto para brincar!

- **“Nossas crianças têm direito ao contato com a natureza”**

A creche não possui nenhum espaço disponível para canteiros ou plantas. É cimento do começo ao fim...portanto as crianças não tem contato algum, nem com plantas, nem com animais!

O sol da manhã é bastante agradável e uma árvore enorme localizada fora do núcleo nos fornece um pouco de sombra no parque, o que não acontece no período da tarde: o sol quente pega diretamente nas salas tornando-as quentes e abafadas. O espaço externo

fica “todinho invadido” pelo calor insuportável do verão, o que torna o período bastante desagradável.

- **“Nossas crianças têm direito à higiene e à saúde”**

Seguindo o corredor do prédio principal vemos uma porta que dá acesso aos banheiros, divididos em três por paredes que não chegam até o teto, dois com privadas de tamanho normal (o primeiro é utilizado pelas crianças, o segundo, pelos adultos). Em cima do segundo banheiro tem uma porta na horizontal que é utilizada como prateleira, e em cima desta muitas coisas. A terceira divisão deveria funcionar como chuveiro, mas serve de dispensa e armário. Na parede da direita tem um pequeno vitrô (dentro do primeiro banheiro), e à esquerda, fora dos banheiros, uma pia para adultos.



Corredor escuro que dá acesso ao banheiro do prédio 1.

No prédio 2 à direita uma porta que dá acesso aos banheiros femininos, no total de três, tendo dois deles vasos sanitários pequenos e um vaso normal (para adultos). Tem ainda mais duas separações, uma com pia e chuveiro, outra só com chuveiro. Como as divisórias não vão até o teto, aí também tem uma porta colocada na horizontal e usada como prateleira.

De volta ao corredor temos um “tanque” com cinco torneiras, ao alcance das crianças maiores. E finalmente, o banheiro masculino que é bem parecido com o feminino. É importante lembrar que esse corredor possui vitrôs que vão do começo a seu fim, mas

que não estão a altura das crianças e não permitem visualizar o ambiente externo graças ao vidro não transparente que é utilizado.

A separação dos banheiros por sexo é questionável nesta faixa etária, pois as crianças estão conhecendo seu corpo, suas diferenças, seu sexo, e poder observar as diferenças entre cada um de seus companheiros é uma forma de conhecer melhor não só o corpo do outro, como a si próprio.

Como é possível perceber, a aparência dos banheiros não é nada agradável; eles possuem somente um pequeno vitrô que não permite a entrada total da luz do dia, o piso é escuro, as prateleiras provisórias atrapalham ainda mais a entrada da luz. Fica até difícil analisar se estão realmente limpos, e só tenho esta certeza porque vejo o esforço das serventes para mantê-los limpos.

As privadas são do tamanho das crianças, mas a válvula de nenhuma delas está inteira o que interfere diretamente na autonomia das crianças, já que elas não possuem força suficiente para apertá-las.

Consideramos insuficientes o número, tanto de banheiros (sete para quase cem crianças em cada período, três para os funcionários, sendo dois femininos e um masculino¹³), como de pias (três: duas com cinco torneiras cada e uma na área externa com três torneiras). Das pias que ficam no espaço interno e possuem água filtrada a vigilância sanitária estipulou que: uma deveria ser usada só para beber água, a outra seria utilizada para todos os outros fins (escovar dentes, lavar as mãos, lavar potes sujos de tinta, areia, ou semelhantes, etc.) como forma de prevenir contágios e doenças.

Apesar de considerar importante esta decisão de separar as pias, as crianças que possuem suas salas na sede principal não tem nenhum lugar próximo e na sua altura para realizar qualquer atividade que não seja beber água. Outro agravante é que para chegar até os outros lavatórios precisam atravessar o parque, que como dito anteriormente oferece riscos principalmente aos menores que ainda não percebem o risco que as balanças de ferro oferecem. Mais uma vez esbarramos na questão da autonomia, pois as

¹³ Apesar do número de banheiros para adultos serem suficientes, eles ficam localizados junto aos banheiros das crianças, não oferecendo privacidade já que é separado por divisórias e muitas vezes sendo utilizados por crianças, o que não é nada saudável para eles.

crianças só podem efetuar as tarefas acima citadas se acompanhadas de um adulto, ou se auxiliadas por eles para utilizar as pias mais altas.

O banho também fica extremamente complicado. No Maternal I, tanto o trocador como a “pia” são muito altos, e além de não existir a possibilidade da criança tomar banho sem o auxílio do adulto, não é possível dar banho em mais de uma criança de cada vez, momento que considero riquíssimo para os pequenos se conhecerem, perceberem suas diferenças. Aliás a prática do banho foi totalmente abandonada pelas práticas anteriores.

Os chuveiros dos banheiros do outro prédio nem sempre estão funcionando, o ralo é um buraco no chão (não tem tampa no banheiro feminino, oferecendo risco), não possui cabideiros para que as crianças possam pendurar suas mochilas e além de todas estas falhas é utilizado por todas as crianças do núcleo.

▪ **“Nossas crianças têm direito a uma alimentação sadia”**

As cozinheiras são contratadas por uma firma terceirizada e elas possuem pouca autonomia (ou quase nenhuma) para tomar certas decisões.

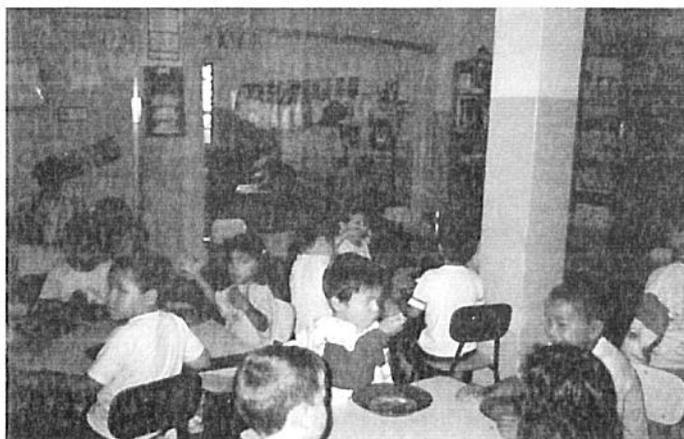


Cozinha e funcionárias preparando a refeição

São as únicas autorizadas a entrar e permanecer na cozinha. Os cardápios são elaborados pela firma e elas precisam ser o mais fiéis possível ao mesmo, até porque os ingredientes recebidos na CEMEI estão relacionados tanto em quantidade, como na qualidade ao que está previsto no cardápio.

São elas que servem as crianças e existe muito desperdício de alimentos, pois as crianças não comem tudo que elas colocam. As crianças comem sozinhas, mas também as ajudamos quando necessário.

O refeitório fica logo na entrada, temos duas velhas portas de vidro e de correr, difíceis de abrir, mas que com algum esforço abrem do meio para os lados. Ao entrar visualizamos nove mesas com quatro cadeiras cada uma, duas estantes com livros, fitas de vídeo e algumas caixas, um armário de ferro com portas; a esquerda um aparelho de som encostado numa divisória plástica que não vai até o teto e em sua metade, tem uma porta sanfonada grande, que abre da metade para os lados (do mesmo material da divisória). O piso é escuro, e a iluminação comprometida. O ambiente produz muito eco e é bastante barulhento. Não o considero nem tranquilo, nem agradável, e quando está funcionando para alimentação impossibilita o uso da sala separada pela divisória.



Refeitório, biblioteca e sala do Maternal II

- **“Nossas crianças têm direito a desenvolver sua curiosidade, imaginação e capacidade de expressão”**

A opção pedagógica do professor, monitor que atuam diretamente com a criança são determinantes tanto quanto a organização do espaço. O espaço como está sendo possível

observar não proporciona a liberdade que consideramos necessária para as crianças fazerem escolhas, planejarem seu dia, buscar novos conhecimentos e se expressarem de diferentes formas. Não é um ambiente estimulador, já que a sobriedade do modelo escolar prevalece em quase todas as salas da creche. Portanto, a questão da organização dos fantoches, livros e a maioria dos brinquedos, a falta do livre acesso a estes materiais prejudicam diretamente este Direito.

- **“Nossas crianças têm direito ao movimento em espaços amplos”**

Acredito que as descrições anteriores deixaram bem claro que este Direito é completamente desrespeitado pela nossa creche, já que não existe nenhum espaço amplo - tanto coberto, como descoberto - dentro da mesma.

Correr, pular, saltar, jogar bola, etc. são atividades que acontecem, mas de maneira reduzida e cheio de “nãos”, que na minha opinião são bastante coerentes aos perigos que o espaço oferece.

- **“Nossas crianças têm direito à proteção, ao afeto e à amizade”**

O espaço da creche é pequeno e apresenta certos perigos, como dito anteriormente, e portanto, limita a expressão física das crianças (movimentos mais amplos como correr), além de não permitir que as crianças percorram o ambiente livremente, sem o acompanhamento de um adulto.

O afeto e a amizade dependem mais da postura dos profissionais envolvidos e das crianças que do ambiente, porém sabemos que a quantidade de brinquedos, o tamanho do espaço proporcionalmente ao número de crianças, a organização do ambiente de forma a possibilitar o acesso das crianças a diferentes objetos e possibilitar diferentes movimentos e expressões das crianças também interferem na forma como a criança irá brincar. Como dito anteriormente, não possuímos materiais suficientes (nem verba para adquiri-los) e a organização do espaço não possibilita a independência nem expressão das “Cem linguagens” da criança.

Outra questão que considero importante colocar é que como os ambientes externos tem horário para uso graças ao seu tamanho e ao perigo que oferece, muitas atividades precisam ser interrompidas antes mesmo de serem finalizadas.

- **“Nossas crianças têm direito a expressar seus sentimentos”**

Também está relacionado à postura dos profissionais que atuam diretamente com as crianças, assim como com a organização do espaço. Um ambiente onde as crianças possam agir livremente, que possua uma grande diversidade de objetos para que elas possam brincar, inventar, mudar. Permitam também que as crianças possam expressar seus sentimentos.

Porém, o ambiente é organizado de forma única e rígida e é cobrado das crianças que elas se sentem para escutar o que os adultos prepararam especialmente para elas... sendo que na verdade o que elas querem é simplesmente brincar para assim se expressarem!

- **“Nossas crianças têm direito a uma especial atenção durante seu período de adaptação à creche”**

A questão que mais me chamou a atenção em relação a adaptação foi o fato da criança ter como direito a presença de um de seus familiares durante este período!

Fiquei quebrando minha cabeça para decifrar onde iremos receber todos: pais e filhos dentro de um espaço tão pequeno?

- **“Nossas crianças têm direito a desenvolver sua identidade cultural, racial e religiosa”¹⁴**

“(…)visitar locais significativos de nossa cidade”, como sugerem ROSEMBERG e CAMPOS, é uma forma não só de “apresentar” diferentes dados sobre a história da qual ela faz parte, como também de ampliar o espaço que faz parte da creche. Porém, devemos lembrar que a maioria da comunidade que frequenta a creche ganha até dois salários mínimos¹⁵ e conseqüentemente a arrecadação de nossa A.P.M é bastante limitada, sendo esta a única fonte que possuímos para realizar visitas fora da creche.

Nossos passeios geralmente acontecem dentro do próprio bairro, como por exemplo o campinho, o salão comunitário.

Já apresentei os motivos que nos levaram a querer mudar o espaço da creche. Vocês também já estão a par do desastre que afetou definitivamente essa necessidade de mudança. Agora irei contar quais caminhos utilizamos para transformar um espaço meramente escolar e autoritário, num ambiente “(…) de vivências e explorações, zona de múltiplos recursos e possibilidades para a criança reconhecer objetos, experiências, significados de palavras e expressões, além de ampliar o mundo de sensações e percepções”, dentro das limitações que a creche possui. (OLIVEIRA, 2002)

¹⁴ ROSEMBERG e CAMPOS, 1995

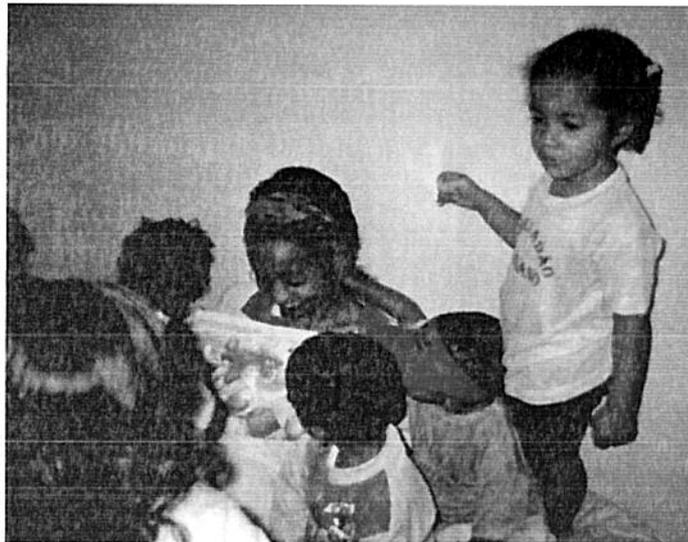
¹⁵ Anexo 5 : Tabela da situação econômica da comunidade

Criando um novo ambiente...

O planejamento da nova sala foi feito por mim e pelas monitoras, sendo que o ponto principal era proporcionar o máximo de autonomia às crianças. O grupo já estava mais integrado e no MI, como as crianças ainda falavam muito pouco, organizamos o ambiente através da interpretação que fazíamos do grupo de crianças, daquilo que as crianças demonstravam precisar através de suas atitudes.

A primeira coisa que fizemos na sala do maternal I foi retirar as mesas e as cadeiras da sala, deixando só uma para atividades eventuais, usada para brincar com tinta, massinha, argila, etc., além de ser utilizada para “escalar”. O espaço ficou bem mais amplo e assim pudemos atender uma primeira necessidade que notamos nas crianças: a necessidade de se movimentar.

Essa sala possui um canto de certa forma escondido, não é possível visualizá-lo quando entramos na sala, local onde eles adoravam se esconder. Organizamos aí, colchonetes, almofadas e uma linda manta de retalhos - confeccionada por uma das monitoras - estando junto a parede um organizador de pano - confeccionado por mim - onde guardamos diferentes livros de história. Os colchonetes, as almofadas e a colcha, além de se transformarem em grandes esconderijos, viram cabanas, e os ajudam a criar ambientes fictícios, mesmo porque ao lado destes objetos tem um espelho à altura das crianças e uma prateleira dividida em três partes contendo bonecas, bichos de pelúcia, e carrinhos. Utilizamos para montar esta prateleira peças de um brinquedo bastante interessante chamado “Quadros do Brasil”, o qual é bastante colorido e permite uma série de mudanças.



Crianças brincando com a monitora, sentados no colchão durante a hora da história

A prateleira que fica à altura das crianças e outros brinquedos que ficam em cestos e caixas no chão, permitem que as crianças escolham do que querem brincar, além de permitir que peguem estes brinquedos sem depender de um adulto. Numa das caixas, em forma de casinha, estão guardadas roupas e acessórios como bolsas e chapéus, para que eles possam se fantasiar.



Crianças de casinha na sala do Maternal I.

Nas cortinas colocamos bolsos e dentro deles, bonecas e bichos de pelúcia. No teto penduramos móveis de peixes pintados por eles. Ainda montamos uma fruteira onde ficam panelinhas e brinquedos afins, ao lado de uma pequena mesa com quatro cadeiras.

Para finalizar, colocamos um castelo onde as crianças podem subir, descer, se esconder, escorregar, etc.

Os brinquedos foram todos lavados, recuperados e recebemos uma doação de carrinhos, aviões, helicópteros, trenzinhos e outros. Separamos todos os jogos de encaixe cada um em um pote e montamos caixas “temáticas” (caixa do banho: com toalhinhas, sabonetes fictícios, e embalagens de cremes e shampoo; caixa do médico : com luvas cirúrgicas, seringas e um jogo de plástico de médico; caixa das ferramentas : chave de fenda, furadeira, e outros; caixa de bonecas : com Barbies, roupas, sapatos e também confeccionamos uma casinha de caixa de papelão para eles brincarem). Todos ficam guardados no armário em baixo da pia, local que as crianças tem acesso.

Na sala do maternal II, fizemos várias entrevistas com as crianças, já que eles já falam, para saber o que eles queriam que sua nova sala tivesse, e a única coisa que eles pediam eram brinquedos: bonecas, carrinhos, etc.



Crianças do Maternal II fantasiadas brincando de casinha no parque.

Começamos então com a limpeza dos brinquedos e quisemos envolver a família na recuperação dos mesmos. Combinamos com os pais que cada criança iria “adotar” um brinquedo para lavar e cuidar, mas por falta de organização do grupo de monitoras e da professora (no caso eu) não conseguimos concluir a “adoção”. Decidimos então combinar com as próprias crianças um dia para lavar os brinquedos e foi o que fizemos.

Depois de lavá-los, secá-los e no caso das bonecas penteá-las e vesti-las, começamos a organizar o espaço da sala. Retiramos as mesas com exceção de uma, montamos duas prateleiras de plástico: numa colocamos brinquedos de casinha (panelinhas, pratos,

talheres, etc.), na outra papéis diversos, giz de cera, lápis de cor, canetinha, etc. Os jogos foram organizados em potes plásticos e transparentes e guardados dentro da prateleira mais baixa de um dos armários, para que as crianças pudessem pegá-los e guardá-los sem ajuda do adulto.

Os bichos de pelúcia foram colocados dentro de um baú sem tampa, e colocado num dos cantos da sala. O espelho foi colocado na altura das crianças e no meio da sala, colocamos um tapete com várias almofadas. Perto da prateleira com panelinhas colocamos mais duas caixas: uma de sapatos de adulto, outra com roupas de adulto, chapéus e bolsas. Ainda vamos fazer uma compra de brinquedos para esta sala.

Nas paredes colocamos quadros de feltro coloridos e em formas diferentes para as crianças contarem histórias, expor suas produções, enfim para múltiplos usos; e como na primeira, um castelo com escorregador onde eles adoram brincar. No teto móveis que eles confeccionaram, um com CDs, outro com peixes de caixa de maçã, que aliás foi sugestão de uma das crianças.

Separámos também os jogos do armário coletivo que estavam todos misturados. Eram vários tipos de jogos de encaixe e foram guardados cada um numa caixa, além de terem sido lavados.

Com esta turma dei início a um trabalho com atividades diversificadas¹⁶, que inicialmente funcionava com duas atividades, mas atualmente já funciona com até quatro atividades diferentes. No maternal I, isso já não é possível, já que as crianças brigam para participar das atividades. Só em algumas ocasiões fazemos atividades em pequenos grupos para evitar conflitos desnecessários que desgastam as crianças e os adultos. A maioria delas é planejada coletivamente e aquelas que não querem participar do que é proposto, pode escolher sua própria brincadeira dentro do novo espaço.

Percebi que na hora de planejar, que além de poder estipular aquilo que será feito - juntamente com as monitoras- pelas crianças, elas também podem estar utilizando o restante do espaço da sala para brincar, atividades que não foram previstas por nós adultos, mas que acontecem e nos fornecem uma série de dados tanto para avaliar o

¹⁶Anexo 6 : Atividades Diversificadas

desenvolvimento de cada criança, como dados para planejar nossa próxima semana ou dia. Por exemplo, eles se mostraram muito interessados em cavalos. Seleccionamos a história de um menino que tinha um cavalo de pau. Pedimos para as mães pau de vassoura e a cabeça seria feita de meia com carimbos de legumes enchendo-as com jornais, fizemos várias brincadeiras envolvendo o som e o movimento do papel antes de enchê-las. Planejamos a atividade a partir do interesse demonstrado pelas crianças (neste caso o cavalo), eles fizeram várias experiências com carimbos e legumes, exploraram os sons e a textura do jornal e produziram um brinquedo (cavalo-de-pau) que faz parte diariamente do mundo fictício que criamos.



Crianças brincando com o cavalo-de-pau que eles mesmos fizeram

Em outras brincadeiras eles também se envolvem e escolhem o que querem fazer, qual papel vão representar e quais materiais irão utilizar. Brincar de médico, de banho, de bruxa, lobo, ou mesmo brincar com água, areia e até tinta, massinha ou argila. Eles querem sentir, experimentar e inventar diferentes ambientes.

Um de nossos ursos de pelúcia parecia na verdade um lobo utilizado para contar várias histórias. Ensinamos eles a brincarem de “Seu lobo está pronto?”¹⁷ e eles começaram a pedir uma casinha para ele. Decidimos não só ajudá-los a fazer a casinha, como também o bosque todo!! Eles pintaram com as mãos placas grandes de papelão, que mais tarde viraram as paredes da mesma, o contorno do corpo deles se transformou

¹⁷ Nesta brincadeira uma criança é o lobo e as outras passeiam pelo bosque cantando: “Vamos passear no bosque enquanto seu lobo não vem! Seu lobo está pronto? E então o lobo responde o que está fazendo. Se ele estiver pronto, é melhor se preparar para correr para ele não te comer!!

em troncos de árvores. Um papel gigante que ocupou quase todo o parque e foi pintado (com uma tinta de maisena que nós mesmos fizemos) com os pés, se transformou em pedras e no caminho do bosque... ficou mais gostoso ainda brincar de Lobo! E todo aquele cenário serviu para diversas brincadeiras...



Crianças se escondendo dentro da casa do lobo.



Cenário confeccionado juntamente com as crianças para brincar de "Seu lobo está pronto"

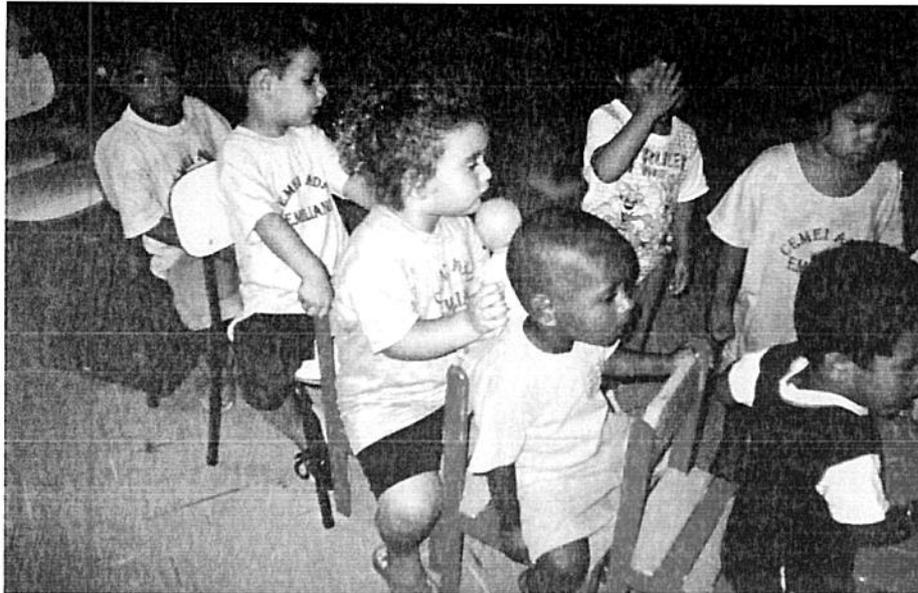
Eles confeccionaram jogos de encaixe, boliche sonoro, misturaram a água a diversos elementos (tinta, óleo, pó de mármore, areia, purpurina) que viraram chocalhos dentro



Chocalhos: misturando a água



Teatro dos funcionários: surpresa para o Dia das Crianças!



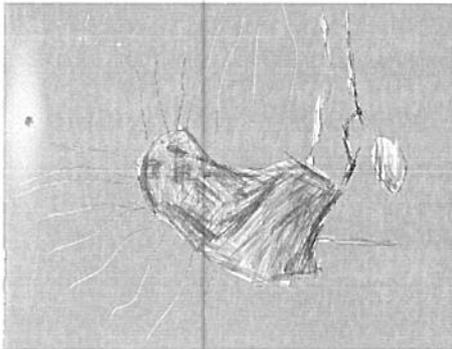
Crianças brincando de trem com cadeiras



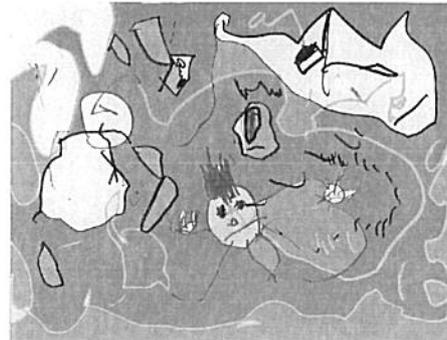
Show de mágicas no salão Comunitário!!!



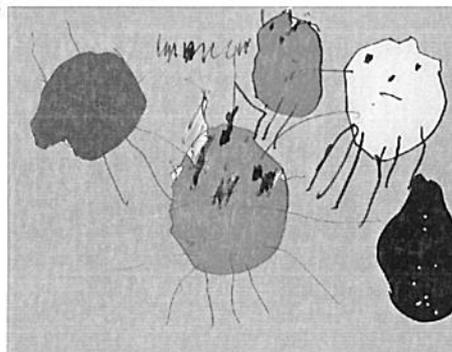
PAUSA PARA FOTOGRAFIA!!



Júlia - 3 anos
"É a Luciane"



Jhonatan - 3 anos
"É o bêbado"



Íngrid - 3 anos
"São os coelhos"

Considerações Finais

A intenção desta pesquisa foi recuperar o percurso que realizei desde o início, opção pelo magistério, de minha carreira.

Um caminho cheio de obstáculos, dúvidas, conflitos... que começou cedo a levantar uma série de questionamentos.

O primeiro deles foi a busca de uma pedagogia de trabalho, que entre teorias da psicologia, sociologia, filosofia, da própria história da pedagogia e em função de estágios e de minha própria prática foram transformando-se em uma prática mais consciente.

O segundo foi o questionamento de minha concepção de infância, fator que mudou definitivamente minha prática.

O terceiro e atual foi a questão do espaço na Educação Infantil, lembrando que este também envolve os aspectos acima citados.

O trabalho que desenvolvemos durante o ano de 2002 foi somente o início de uma longa jornada... Começamos a modificar apenas duas salas da creche, mas o que realmente queremos é envolver não só todo o grupo de profissionais (diretora, vice-diretora, professoras, monitoras, serventes, cozinheiras, segurança), como a comunidade e a Secretaria da Educação de Campinas.

Alguns pais do Conselho Escolar fizeram juntamente comigo um estudo do questionário¹⁸ da pesquisa para compreender melhor a importância do espaço na Educação Infantil e puderam questionar também a construção da nova creche do bairro. Infelizmente conseguimos poucas mudanças do projeto, já que não existia ainda uma instância que permitisse a participação popular. Quando a planta foi apresentada à comunidade, já não havia mais a possibilidade de mudanças.

¹⁸ Questionário que faz parte do artigo sobre a organização do espaço físico nas creches e pré-escolas por Ana Lúcia Goulart de Faria (FARIA, 1999)

Gostaria de colocar ainda que existem algumas pesquisas sobre o espaço na Educação Infantil da cidade de Campinas que não fizeram parte desta pesquisa (NOGUEIRA, Denise; FERNANDES, Juliana; PALMEN, Sueli; FINCO, Daniela; todos Trabalhos de Conclusão de Curso e até mesmo o mestrado de Josiane Búfalo), mas que pretendo utilizá-los na continuidade das transformações do espaço desta creche, que aliás será uma longa pesquisa...

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMOWICZ, Anete; WAJSKOP, Gisela. *Creches: atividades para crianças de zero a seis anos*. São paulo : Moderna, 1995.
- ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro : LTC Editora S.A., 1981.
- BONDIOLI, Anna; MANTOVANI, Susanna. *Manual de Educação Infantil : de zero a três anos*. Porto Alegre : Artmed, 1998.
- FARIA, Ana Lúcia Goulart. O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma pedagogia da Educação Infantil. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart; PALHARES, Marina Silveira. (Orgs.). *Educação Infantil pós-LDB : rumos e desafios*. Campinas, SP : Autores Associados – FE/UNICAMP; São Carlos, SP : Editora da UFSCar; Florianópolis, SC: Editora UFSC, 1999.
- EDWARDS, Carolyn et al. *As cem linguagens da criança : A abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância*. Porto Alegre : Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1999.
- KRAMER, Sônia. *A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce*. Cortez, 1995.
- NASCIMENTO, Maria Evelynna. Os profissionais da Educação Infantil e a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart; PALHARES, Marina Silveira. (Orgs.). *Educação Infantil pós-LDB : rumos e desafios*. Campinas, SP : Autores Associados – FE/UNICAMP; São Carlos, SP : Editora da UFSCar; Florianópolis, SC: Editora UFSC, 1999.

OLIVEIRA, Zilma Ramos. *Educação Infantil: Fundamentos e métodos*. São Paulo : Cortez Editora, 2002.

ROSEMBERG, Fúlvia e CAMPOS, Maria Malta. COEDI/MEC. Critérios para um atendimento em creches que respeitem os direitos fundamentais das crianças. Brasília, 1995.

THIAGO, Liliam Pacheco S. Espaço que dê espaço. In : ORSETTO, Luciana Esmeralda(Org.). *Encontros e encantamentos na educação infantil*. p. 60.

ANEXOS

EMEI “ADÃO EMILIANO”

O Centro Infantil localiza-se na Vila San Martin, pertencente ao Distrito de Nova Aparecida, Região Norte da cidade de Campinas. É uma vila pequena possuindo mais ou menos trezentos e cinquenta lotes e ainda não totalmente asfaltada. Já existe água, luz e esgoto, depois de muita luta reivindicatória junto a Prefeitura Municipal. Vem crescendo muito nos últimos anos

O Centro Infantil nasceu devido a grande necessidade das mães trabalhadoras não terem um local onde deixarem seus filhos enquanto trabalham para ajudar no sustento familiar, muitas vezes sendo dela a principal renda. Este fato ocorre pela crise do desemprego gerada pelo sistema capitalista, onde a mão-de-obra feminina é mais explorada.

Os primeiros filhos foram assentados em dezoito de setembro de mil novecentos e oitenta e seis.

Os materiais para construção da “Creche” foram adquiridos através de mutirões, pedidos pelos moradores engajados neste trabalho e o Projeto Rondon. A mão-de-obra sempre esteve a cargo da Prefeitura Municipal, tendo como sede a Sub-Prefeitura de Nova Aparecida.

Depois que o SR. Adão morreu ficou um bom tempo parada. Isso ocorreu durante a primeira administração de José Roberto Magalhães Teixeira a assumir o término da construção.

Também nesta época alunos da Escola Preparatória de Cadetes, pararam com sua contribuição financeira.

Para que não fosse destruída, foi nela colocada uma família, que não tinha onde morar e ao mesmo tempo cuidava do que já tinha sido construído.

Com a administração Jacó Bitar o povo se organizou reivindicando o término da creche, aproveitando a atuação dos “Conselhos de Bairro” que nele coordenava no início de sua gestão.

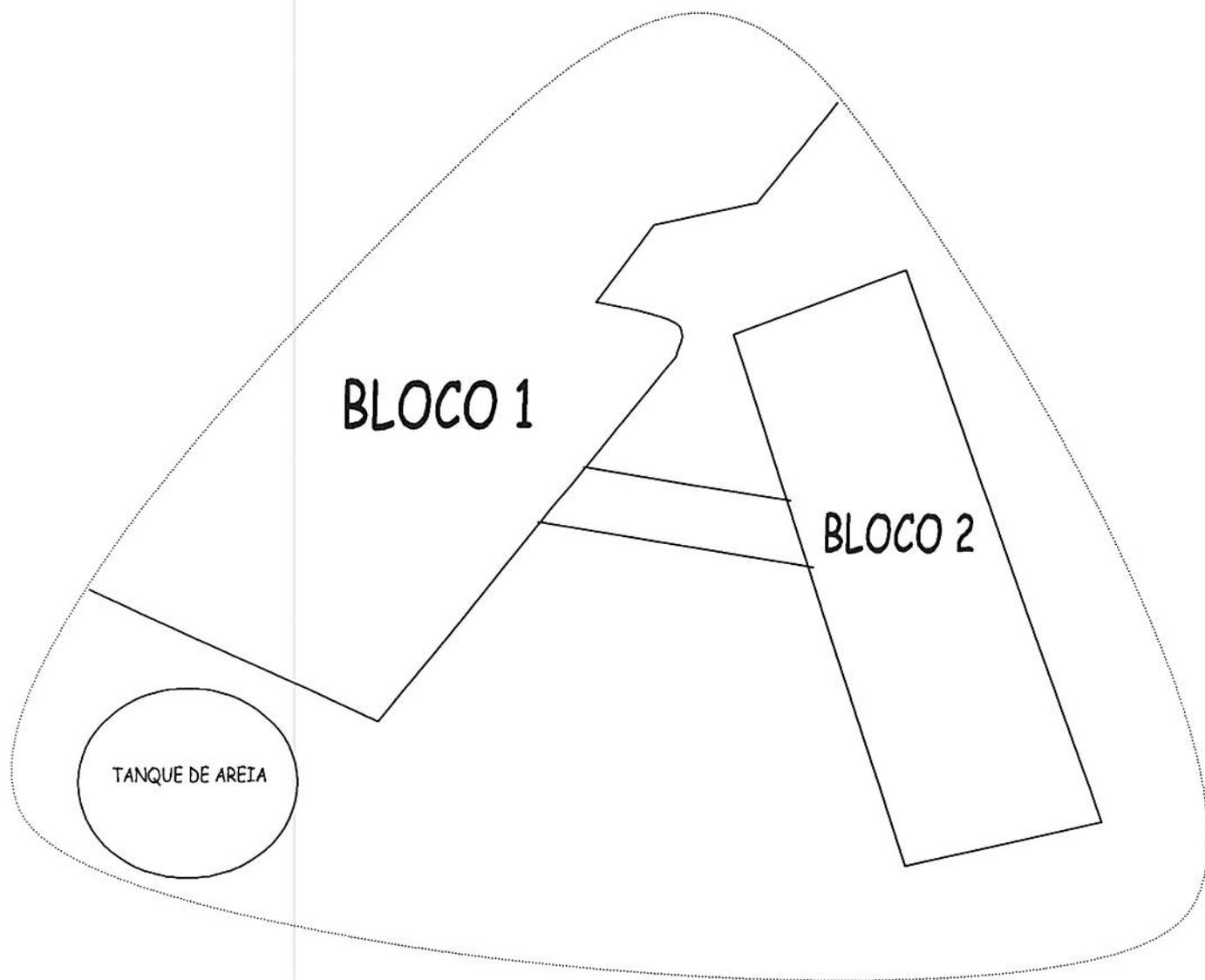
Aproximando-se o término da construção alguns moradores enviaram pedido a secretaria municipal de Educação, manifestando seu desejo de que a “creche” tivesse como patrono o seu idealizador Senhor Adão Emiliano.

A unidade foi oficialmente inaugurada em 11 de maio de 1992, pelo então prefeito Jacó Bitar. Hoje funciona em tempo integral das sete às dezenove horas. Sua clientela compreende crianças com idade entre quatro meses e sete anos.

A unidade está situada em uma área bastante pequena, mas atende 140 crianças, que nela permanecem em período integral.

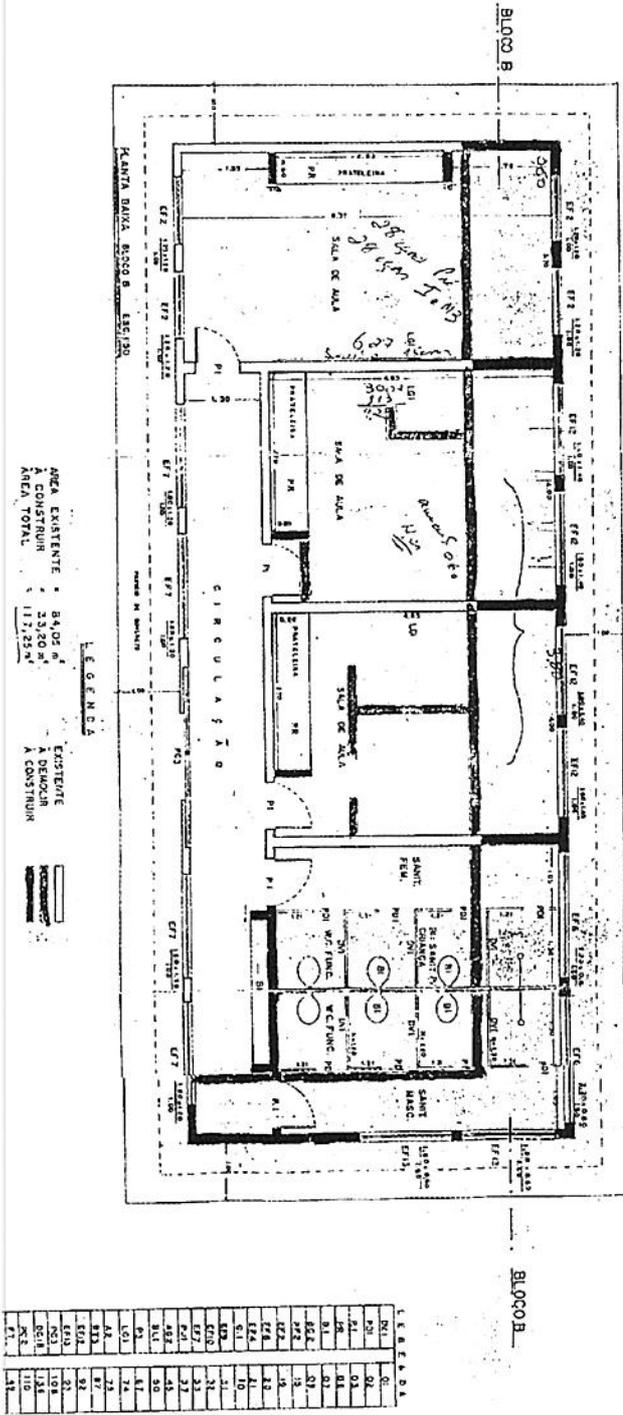
Em um turno são atendidos pela professora de turma e no outro pela monitora responsável pela classe.

ANEXO 2 : PLANTA GERAL



Planta Geral da Creche

ANEXO 2 : PLANTA BLOCO 2



ANEXO 2 : DESCRIÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO

A creche está dividida em dois prédios, tendo entre estes, um espaço pequeno onde funciona o parque (possui um gira-gira, duas balanças para quatro crianças, cinco balanças individuais e no canto quase no tanque de areia, uma escada ferro, uma barra e duas argolas para as crianças se pendurarem). A área externa é toda de cimento, não possuindo nenhum amortizador de quedas, e atrás do prédio 2 tem um corredor. A escola é toda cercada, permitindo que quem passa na rua visualize quem ali está, e quem está dentro visualizar o que acontece lá fora.

O prédio 1 funciona como a sede principal da escola no que diz respeito ao coletivo. Na entrada do lado esquerdo tem uma pequena sala com um banheiro onde funciona a diretoria. Nessa sala tem um arquivo, uma mesa grande com cadeira, um armário de ferro, e duas mesas pequenas, uma com o computador, outra com o telefone. Na frente desta sala tem um quadro de avisos, que nem sempre a comunidade tem acesso já que eles recebem e deixam seus filhos no portão de entrada.

Voltando para a entrada, temos duas velhas portas de vidro e de correr, difíceis de abrir, mas que com algum esforço abrem do meio para os lados. Ao entrar visualizamos nove mesas com quatro cadeiras cada uma, duas estantes com livros, fitas de vídeo e algumas caixas, um armário de ferro com portas; a esquerda um aparelho de som encostado numa divisória plástica que não vai até o teto e em sua metade, tem uma porta sanfonada grande, que abre da metade para os lados (do mesmo material da divisória). Abrindo a porta sanfonada tem uma sala que possui dois armários de ferro e mesinhas empilhadas com as cadeiras junto à divisória. Essa sala possui dois grandes vitrôs na parede contrária à divisória.

Esta era uma das salas que eu iria utilizar. Nesta sala, fora caixas e caixas de brinquedos amontoados, não tinha nada que ficasse organizado e disponível para as crianças. Tinha um pequeno quadro negro e uma "varão" pregado (quase caindo) na parede direita, fora do alcance das crianças.

Voltando para o refeitório, à direita tem um lavatório com quatro torneiras, e um degrau que dá acesso a um corredor duas vezes maior que uma porta. Nesse corredor tem uma janela que fica acima da altura da barriga de um adulto, com portas de madeira

que abrem para o lado oposto ao corredor (a cozinha). As fechaduras e interruptores não ficam à altura das crianças. Do lado direito uma pequena prateleira que tem em cima dela o livro ponto dos funcionários, o livro de comunicados e um porta canetas. Na parede tem um quadro de feltro com panfletos de cursos, palestras, seminários, uma foto do grupo e outros, que de modo geral somente os funcionários tem acesso.

Seguindo o corredor logo a esquerda, tem uma porta que dá entrada para a sala dos professores, que na verdade é uma lavanderia adaptada. Essa sala está dividida por um armário com várias portas pequenas, cada uma etiquetada com recortes de revistas que mostram o que ali está guardado. Na frente da porta um vitrô e abaixo dela um armário de alvenaria com três portas e uma pedra em cima. Ao lado, um microondas, uma pequena caixa de ferro pregada na parede e com porta de plástico (material de boxe de banheiro) - que funciona como farmácia- e uma pequena passagem. Daí é possível ver uma janela e uma porta de vidro do lado direito e uma máquina de lavar roupas e um tanque do lado esquerdo. Abrindo a porta você dá um passo e tem um muro que liga o refeitório à sala que será descrita posteriormente, sobrando um pequeno corredor utilizado para pendurar roupas, que aliás é minúsculo e não comporta a quantidade de roupas que a creche deveria lavar.

Voltando para o corredor vemos uma porta que dá acesso aos banheiros, divididos em três por paredes que não chegam até o teto, dois com privadas de tamanho normal (o primeiro é utilizado pelas crianças, o segundo, pelos adultos). Em cima do segundo banheiro tem uma porta que é utilizada como prateleira, e em cima desta muitas coisas. A terceira divisão deveria funcionar como chuveiro, mas serve de dispensa e armário. Na parede da direita tem um pequeno vitrô (dentro do primeiro banheiro), e à esquerda, fora dos banheiros, uma pia para adultos.

Percebe-se portanto, que não existe locais adequados para professores e funcionários, comerem, descansarem ou mesmo um banheiro privativo. A única geladeira que a creche possui está na cozinha, local que as crianças e adultos não tem acesso e também não existem apetrechos de cozinha disponíveis para as crianças utilizarem.

Novamente no corredor temos a porta da cozinha: no centro, um fogão industrial, do lado esquerdo uma geladeira industrial e uma passagem para a dispensa que é cheia de prateleiras, e na diagonal à direita uma pia em "L"; nas paredes três vitrôs e a janela da

qual falei anteriormente (para servir a merenda). Saindo e seguindo a parede da cozinha um pequeno corredor que dá acesso a área externa através de uma porta de vidro; seguindo a parede do banheiro outro armário de alvenaria desta vez sem portas. Finalmente no fim do corredor dois degraus, uma porta de madeira e uma sala. Do lado esquerdo um "canto" (que não chega a ser um corredor), atrás desse canto um armário de alvenaria com portas, e de frente para o armário, duas pias de inox (uma com chuveiro, outra com uma torneira com aquecedor, separadas por um trocador; embaixo armários com portas. Ainda na sala do lado direito, duas janelas e uma porta de correr que dá acesso ao que as monitoras chamam de solário, cercado por uma mureta e atrás um tanque de areia com um gira-gira e um escorregador, ambos muito enferrujados. Para finalizar essa parte, gostaria de lembrar que na frente da escola, em frente ao atual prédio, tem um outro tanque de areia, este maior, que também tem um escorregador grande.

O número de banheiros e pias neste prédio não é suficiente para as crianças o que dificulta as diversas atividades realizadas neste prédio.

O prédio dois, quase forma um "V" com o prédio um, e entre eles tem uma passagem feita com telhas (para que as crianças possam circular em dias de chuva) e como dito anteriormente também um parque.

Para entrar no segundo prédio têm dois degraus e uma porta de vidro de correr, que também abre do centro para os lados. Ao subi-lo você se depara com um corredor (com mais ou menos um metro de largura) que leva a duas salas de aula do lado esquerdo. Uma fica no fim do corredor e tem quatro vitrôs grandes, dois do lado esquerdo, dois do direito, e em frente a porta, dois armários grandes de alvenaria. Como mobiliário são usadas quatro mesas com quatro cadeiras cada, sobrando ainda um bom espaço. A segunda sala tem vitrôs em frente a porta, e do lado esquerdo também dois armários de alvenaria. Porém, ao contrário da primeira, nessa só cabe o mobiliário (quatro mesas e quatro cadeiras) sobrando pouco espaço para circular.

Do lado direito do corredor tem uma terceira sala que é igual à última descrita. Logo em seguida uma porta que dá acesso aos banheiros femininos, no total de três, tendo dois deles vasos sanitários pequenos e um vaso normal (para adultos). Tem ainda mais duas separações, uma com pia e chuveiro, outra só com chuveiro. Como as divisórias não

vão até o teto, aí também tem uma porta colocada na horizontal e usada como prateleira.

De volta ao corredor temos um "tanque" com cinco torneiras, ao alcance das crianças. E finalmente, o banheiro masculino que é bem parecido com o feminino. É importante lembrar que esse corredor possui vitrôs que vão do começo a seu fim.

O piso das salas tanto deste quanto do outro prédio são de taco, que estão velhos e desbotados, ou até descolados. A única sala que é de piso é a emergencial, que na verdade é usada como sala fixa (a sala separada pela divisória). Os corredores, o refeitório, esta última sala, os banheiros, são de piso frio, também estão danificados e sua cor escura dão um aspecto de sujeira e escuridão ao local.

As paredes apesar de serem pintadas anualmente, estão úmidas e descascadas. A cor com a qual estão pintadas (metade cinza, metade branca, debaixo para cima) também colaboram para escurecer o ambiente. Na parte externa a pintura também está danificada, porém as cores são diferentes, azulão e branca (debaixo para cima).

De forma geral a escola não tem uma aparência agradável, pois além dos aspectos acima levantados, internamente não é muito iluminada, apesar de possuir vários vitrôs. O problema é que o vidro não é liso e por isso não permite a passagem total da luz. A divisória dentro do refeitório impede a passagem da maior fonte de luz natural do local : a luz das janelas, o que também escurece mais ainda o corredor de acesso às outras dependências do prédio. Além disso, a instalação elétrica da escola está bastante prejudicada, muitos soquetes não funcionam, dos que funcionam nem sempre tem a lâmpada, já que a escola não tem verba para fazer essa reposição e além disso boa parte da fiação é externa a parede e oferece risco às crianças. Portanto, tanto a iluminação natural, quanto a iluminação artificial não são adequadas, e agravantes como a cor das paredes e pisos colaboram para escurecer o ambiente.

A área externa, apesar de possuir a luz natural, também não é agradável, já que a pintura e principalmente o cimento do chão não possuem um aspecto que eu considere como esteticamente agradável. Faltam plantas, gramas e manutenção dos brinquedos, que além de precisarem de reparos, precisam ser pintados.

A forma como são guardados os materiais da escola, em prateleiras provisórias, também torna tudo mais amontoado e feio. Todo mobiliário da escola está velho, descascado,

enferrujado. Os brinquedos usados pelas crianças extremamente danificados, às vezes quebrados e sujos. Não existe, com exceção da biblioteca e armário de material coletivo dos professores, um espaço planejado, organizado pelo grupo, cada professor organiza seu espaço de forma que tenha coerência com seu trabalho. Não temos espaços coletivos planejados, a não ser o horário de uso do parque e tanque de areia, em geral cada turma com seu horário.

ANEXO 3



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

2- CONCEPÇÃO FILOSÓFICA

Sabemos que a concepção filosófica é formada a partir dos conceitos que se tem de criança, educação e os valores que se prioriza. Torna-se difícil, dentro da U.E., dizer que o trabalho é norteador totalmente dentro de uma única abordagem, pois o corpo docente é diversificado e se modifica todos os anos, devido às substituições. Estamos caminhando para adotar a concepção sócio-interacionista e construtivista, onde "o educador é o responsável pelo ensino e o educando é o agente ativo das suas aprendizagens. Através das diferentes interações que ocorrem no contexto escolar, vai construindo seus conhecimentos e constituindo sua identidade, a partir das relações interpessoais".

Para que haja uma abordagem única é preciso integração, estudo e comprometimento de toda a equipe. A cada dia que passa, estamos caminhando nesta direção.

2

ANEXO 4

DADOS CRIANÇAS	IDADE DA CRIANÇA	PROFISSÃO DA MÃE	PROFISSÃO DO PAI	RENDA APROXIMADA
BRENDO	02-01-99	AUXILIAR DE MONTAGEM	AJUDANTE DE TRANSPORTE	ATÉ 2 SALÁRIOS MÍNIMOS
DANIELLE	12-07-98	VENDEDORA CEASA	CARREGADOR	MENOS DE 2 SALÁRIOS MÍNIMOS
ENALDO	24-02-99	FAXINEIRA	ATÉ 2 SALÁRIOS MÍNIMOS
FRANCIELLE	05-03-99	DOMÉSTICA	SERVENTE	MENOS DE 2 SALÁRIOS MÍNIMOS
GABRIEL	23-07-98	DOMÉSTICA	AUXILIAR DE PRODUÇÃO	ATÉ 2 SALÁRIOS MÍNIMOS
INGRID	18-02-99	DOMÉSTICA	COBRADOR DE PERUA	INFERIOR A 3 SALÁRIOS MÍNIMOS
JOÃO PAULO*	12-12-98	DO LAR	DESINTUPIDORA BRASIL	
JULIA	29-07-98	AUXILIAR DE SECRETÁRIA	MOTORISTA	ATÉ 2 SALÁRIOS MÍNIMOS
KAUÊ	26-04-99	DO LAR	PEDREIRO	
LAIS	14-01-99	ESTUDANTE	ATÉ 2 SALÁRIOS MÍNIMOS
LAURO	22-06-99	OPERADORA DE TELEMARKETING	TORNEIRO MECÂNICO	ATÉ 2 SALÁRIOS MÍNIMOS
LEONARDO SILVEIRA	06-05-99	AUXILIAR DE ESCRITÓRIO	TRANSPORTE	ATÉ 2 SALÁRIOS MÍNIMOS
LEONARDO RUFINO	03-07-98	TELEFONISTA		MENOS DE 2 SALÁRIOS MÍNIMOS
MICHAEL	29-09-98	PASSADEIRA	CAMINHONEIRO	ATÉ 2 SALÁRIOS MÍNIMOS
NÁDIA	26-03-99	DOMÉSTICA	CARREGADOR	MENOS DE 2 SALÁRIOS MÍNIMOS
PÂMELA	22-03-99	AUXILIAR DE LIMPEZA	"ENCOSTADO"PELO INSS	ATÉ 2 SALÁRIOS MÍNIMOS
VINÍCIUS	13-07-98	ESTETICISTA	ALMOXARIFE	ATÉ 2 SALÁRIOS MÍNIMOS
WESLEY	24-05-99	DOMÉSTICA	PEDREIRO	ATÉ 2 SALÁRIOS MÍNIMOS

ANEXO 5 : QUESTIONÁRIO DA TABELA

Uma creche deve possuir:

1. *Ambiente adequado para trabalhar e fazer experiências com os quatro elementos: água, terra, ar e fogo. Apesar de bastante pequena, a creche possui dois tanques de areia, mas não possui nenhum espaço para a plantação de uma horta, mesmo que seja pequena. Trabalhar com velas é viável, mas não possui espaço para uma fogueira, por exemplo. Podemos adaptar locais para brincar com água e ar, dentro das próprias salas, ou fora delas em algum cantinho apertado.*

2. *Sombra para as crianças brincarem ao ar livre. No período da manhã, temos uma sombra no parque feita por uma das árvores que ficam na calçada da escola, que aliás é bem grande, mas a tarde as crianças são castigadas pelo sol, tanto dentro como fora da sala, não tendo nenhuma árvore ou outro tipo de vegetação.*

3. *Local coberto para brincar em dias de chuva. O único lugar coberto dessa creche são as salas e o refeitório que é usado o dia todo, portanto em dias de chuva ficamos enclausurados.*

4. *Um ambiente agradável e bem projetado. A creche foi construída em duas partes, não tem um projeto adequado para crianças pequenas.*

5. *Um ambiente prazeroso do ponto de vista estético. A escola é esteticamente feia, escura, não é bem arejada nem bem iluminada.*

6. *Um ambiente desafiador do ponto de vista da curiosidade infantil. O único desafio deste ambiente é como brincar com todas estas crianças num espaço tão minúsculo.*

7. *Locais iluminados, ventilados e acolhedores. Não, transformar o ambiente em local acolhedor depende muito da forma como é mobiliado, organizado o ambiente. Ao ler a descrição que realizei da escola poderá perceber que não é um ambiente aconchegante, mas sim frio como a escola.*

8. *Locais aquecidos no inverno e frescos no verão. Não.*

9. *Flexível para a organização de novas experiências(educação ambiental, fotografia, etc.) A única sala que poderia atender a diferentes necessidades, sala emergencial, funciona como sala fixa.*

10. *Flexível para variar a organização das turmas.* **Não, pois as salas são muito pequenas, e o espaço externo oferece perigo para as crianças menores – balanças de ferro, que quando utilizadas pelas crianças maiores (que sabem e gostam de balançar alto) tornam-se um grande risco para os pequenos que ainda não sabem se locomover identificando os perigos.**

11. *Flexível para a criança poder escolher as atividades que vai realizar.* **Depende da organização de cada sala... Mas maçanetas altas, assim como janelas e armários dificultam o acesso das crianças aos materiais, tornando-os dependentes dos adultos.**

12. *Flexível para distribuição das crianças sob responsabilidade de um adulto em pequenos grupos concomitantemente.* **Só se for dentro das salas, ou durante as refeições, ou brincando no parque.**

13. *Fundos para reforma.*

14. *Fundos para manutenção.* **Recebemos a APM, colaboração mensal da comunidade, que por se tratar de uma comunidade de renda baixa não cobre nem as mínimas necessidades da creche.**

15. *Um projeto arquitetônico que respeite os critérios de todos os indicadores de qualidade definidos pela área.* **Absolutamente não.**

16. *Decoração e mobiliário que garantam um trabalho pedagógico de qualidade.* **O único mobiliário que a creche possui são cadeiras e mesas.**

17. *Local para guardar objetos e móveis quebrados enquanto aguardam conserto.* **O forro do telhado, mas eles nunca recebem reformas.**

18. *Local adequado para professores brincarem com as crianças.* **Não tem local nem para as crianças entre si, que dirá para as professoras brincarem com as crianças.**

19. *Local para a criança poder ficar sozinha.* **Até na sala é perigoso, pois a fiação é toda externa e as crianças adoram desmontar as canaletas para brincar com os fios.**

20. *Organização do espaço que favoreça o convívio das crianças maiores com as menores.* **Não existe espaço para isso.**

21. *Organização do espaço que favoreça o convívio das crianças portadoras de necessidades especiais com as outras. A creche possui degraus, sem rampas, portanto para um portador de deficiência dependeria de um adulto para se locomover, além de não possuir banheiro adequado.*

22. *Local onde as crianças possam ficar entre elas, sem o adulto. Não.*

23. *Local adequado para a criação de ambientes fictícios pelas crianças. Haja criatividade!!! Não existe um espaço específico, como por exemplo um bosquinho, ou algo do tipo, mas o ser humano aprende a criar, inventar, e acaba conseguindo fazer de conta que estes espaços existem... as crianças conseguem fazer de conta com mais facilidade que nós adultos que vivemos nesta dura realidade.*

24. *Varal para pendurar os desenhos das crianças à sua altura. A maioria das salas os possui.*

25. *Local para a construção de grandes engenhocas. De forma alguma. O único lugar onde isso poderia acontecer é na rua, onde costumamos brincar de vez em quando.*

26. *Janelas na altura das crianças para que elas possam olhar o que tem do outro lado. Não.*

27. *Maçaneta das portas na altura das crianças permitindo que movimentem-se com independência ocupando todos os espaços do Centro. Não.*

28. *Variadas oportunidades de jogos internos e externos. Não. Só se forem criados.*

29. *Espaço suficiente para a atividade de repouso das crianças e dos adultos. Para as crianças são utilizadas as próprias salas, que nem sempre são silenciosas nem aquecidas o suficiente. Já os adultos não tem local nem para comer que dirá para descansar.*

30. *Locais suficientemente amplo para consentirem liberdade de movimento, espaços para atividades mais tranquilas e espaço para relaxamento aconchegante. Não, não e não!!*

31. *Local para muitas crianças, de diferentes idades brincarem juntas. Não.*

32. *Locais para pequenos grupos. Sim.*

33. *Flexibilidade dos espaços permitindo que as crianças desenvolvam atividades no seu próprio ritmo, podendo permanecer no local e depois encontrar o grupo.* **Não.**

34. *Os apetrechos da cozinha guardados em locais adequados (para serem/não serem manipulados pelas crianças)* **As crianças não tem acesso algum nem à cozinha.**

35. *Cozinha como ambiente educativo, permitindo acesso das crianças à mesma.* **As crianças não tem acesso algum nem à cozinha.**

36. *Locais prazerosos para as crianças comerem.* **O refeitório não é prazeroso. É barulhento, pois dá eco, é escuro, funciona juntamente com duas estantes de livro, que é a biblioteca da creche!!**

37. *Dispensa ambientada na temperatura adequada.* **Possui uma dispensa ambientada de acordo com a estação do ano!**

38. *Geladeira.* **Só a industrial.**

39. *Local adequado para as mães poderem amamentar os bebês.* **Não atendemos bebês.**

40. *Pias e bebedouros na altura da criança e dos adultos.* **As pias e bebedouros funcionam como uma coisa só, pois tem filtros instalados, os quais não são suficientes já que precisamos alternar horários e as vezes eles precisam esperar a vez de usar a torneira.**

41. *Água abundante para todas as necessidades: brincar, cozinha, limpeza, banheiro, etc.* **Água sim, mas torneiras suficientes, não.**

42. *Chuveiro e esguicho na altura das crianças, no espaço externo, para brincarem.* **Não.**

43. *Tanque de água.* **Não.**

44. *Tanque de areia.* **Sim, dois.**

45. *Cobertura para o tanque de areia.* **Não.**

46. *Árvores, flores, jardim horta, e os respectivos apetrechos para aprender e conservar.* **Não.**

47. *Grama devidamente aparada.* **Não tem grama, só cimento!**

48. *Cabides suficientes e na altura do usuário.* **Não.**

49. *Espaço suficiente para o pessoal adulto.* **Não.**
50. *Local para o intervalo dos adultos.* **Não.**
51. *Espaço para os pais.* **Não.**
52. *Espaço adequado para reunião com a comunidade.* **Não.**
53. *Local para receber as visitas.* **A sala da direção que é bem pequena.**
54. *Local visível para quadros de avisos.* **O quadro de avisos é visível essencialmente para quem entra na creche para deixar seus filhos.**
55. *Armários suficientes.* **Não, na descrição da creche, você vai perceber que várias prateleiras provisórias são montadas com portas em locais nada adequados.**
56. *Local apropriado para ouvir som alto.* **Não. A creche não possui nem mesmo o som!**
57. *Biombos para flexibilizar os espaços.* **Não.**
58. *Brinquedos guardados em altura que as crianças alcancem.* **Não. Depende da sala.**
59. *Livros de literatura infantil com e sem palavras em altura adequada.* **Alguns.**
60. *Biblioteca ambientada adequadamente para os adultos.* **Só a do refeitório.**
61. *Local adequado para os professores fazerem seus planejamentos, relatórios, reuniões, , cursos, etc.* **Não.**
62. *Brinquedos estruturados no espaço externo em condições seguras de higiene e segurança.* **Não.**
63. *Faca e tesoura sem ponta em local de acesso às crianças.* **Depende da sala.**
64. *Instrumentos e apetrechos que representam algum perigo guardados em locais que possibilitem o aprendizado de seu uso adequado.* **Estes ficam bem no alto, o que não significa que as crianças compreendam o seu uso/não uso.**
65. *Mesa e cadeira da altura dos adultos para as crianças aprenderem a usar.* **Nem para os adultos usarem.**
66. *Luz elétrica.* **Sim, mas nem sempre funcionando.**
67. *Ventilador.* **Sim.**
68. *Água quente para os banhos.* **Sim, mas os locais de banho nem sempre são adequados.**

69. *Vaso sanitário na altura das crianças.* **Sim.**

70. *Banheiros e vestuários adequados e funcionais para crianças e adultos.*

Não. O válvula da descarga do banheiro das crianças estão todas quebradas e elas não conseguem dar descarga sozinhas!!

71. *Banheiros que permitam que as crianças tomem banho sozinhas, sendo a altura da torneira adequada.* **Não.**

72. *Banheiros que garantam o bem estar da coluna da professora quando é ela quem dá o banho.* **De maneira alguma, aliás acredito que este seja um dos motivos pelos quais as profissionais pararam de dar banho em nas crianças.**

73. *Escada para a utilização do teto e das paredes.* **Não.**

74. *Banheiro misto.* **Depende da forma como o adulto trabalha.**

75. *Banheiros coletivos para as crianças.* **Só temos banheiros coletivos.**

76. *Banheiro privativo.* **Não.**

77. *Condições para que as crianças aprendam a utilizar os aparelhos existentes.*

A escola possui somente duas televisões e um vídeo cassete (que mais quebra do que funciona) e por não termos fundos para repará-los, as crianças não podem operá-los.

78. *Ambiente permanentemente limpo (do ponto de vista da higiene).* **A limpeza depende muito das crianças professoras e monitoras da creche, pois possuímos uma servente no período da manhã e outra a tarde.**

79. *Material que permita que as próprias crianças possam montar e desmontar os ambientes. Por e tirar a mesa.* **Depende da postura das professoras e monitoras, mas o mobiliário que a creche recebe são mesas e cadeiras.**

80. *Espaço adequado para as crianças jogarem sozinhas, em pequenos e grandes grupos.* **Não existe nenhum espaço apropriado dentro da creche para jogos que exijam grandes movimentos. A área externa é pequena e possui balanços de ferro por todos os lados.**

81. *Crianças devem possuir acesso ao local onde estão os instrumentos musicais.* **O único problema é que nossos instrumentos musicais são de brinquedo e extremamente sensíveis: tambores e pandeiros estão quebrados.**

82. *Aos discos.* **Não possuímos discos.**

83. *Aos marionetes, teatro de bonecos, teatro de sombras.* **Possuem acesso aos marionetes e teatro de bonecos, mas nossas lanternas não são potentes o suficiente para brincar de teatro de sombras.**

84. *Casinha de bonecas.* **Cada sala organiza de sua maneira os brinquedos de casinha.**

85. *Espelho na altura das crianças, inclusive nos trocadores.* **Só não possui nos trocadores.**

86. *Escada para a criança subir no trocador., que deve estar na altura do adulto.* **Possui uma escada móvel e perigosa que só é montada para este fim, já que em geral as crianças se desequilibram ao subirem.**

87. *Almoxarifado ambientado na temperatura adequada.* **Não temos almoxarifado.**

88. *Sala ambiente, laboratório, atelier, ou espaços para múltiplos usos permitindo a criação de novas formas de organização acordo com a programação semanal/mensal.* **Não possuímos nenhuma sala que permita um múltiplo uso.**

89. *Espaço climatizado para a infra-estrutura de informática e equipamentos multimídia.* **Possuímos apenas um computador e uma impressora quebrada, que fica na diretoria e é usado principalmente para fins administrativos.**

90. *Comunicação entre os espaços internos e externos.* **Possuem janelas e portas, todas com vidro irregular que não permite visualizar o ambiente externo, ou interno, além de grades de proteção, e como citado anteriormente na altura do adulto.**

91. *Ambiente instigante para novas descobertas, exploração e pesquisa.* **O espaço em si não é nada atraente ou instigante, depende muito, mas muito mesmo, da criatividade de professores e monitores.**

92. *Espaço adequado para animais.* **Não temos espaço suficiente nem para os humanos!!**

93. *Espaço adequado para guardar alimento e material para o cuidado com animais.* **Definitivamente, não!**

94. *Local e material para os primeiros socorros.* **Sim, na lavanderia.**

95. *Instalações sanitárias de higiene em todos espaços da instituição. A instituição possui poucos banheiros, na descrição dos mesmos está bem explicado como funcionam.*

96. *Riscos e perigos evidentes estão sob controle. Existem amortizadores de queda. Nenhum. A área externa é todinha acimentada, e um simples tombo pode se tornar num grande ferimento.*

97. *Acesso possível e ágil para as crianças ou adultos portadores de necessidades especiais. Não.*

98. *Segurança no ambiente externo e interno. Não.*

99. *Saída de emergência. Não.*

100. *Extintor de incêndio. Sim.*

101. *Poço ou água encanada. Sim.*

102. *Fossa ou equivalente impedindo esgoto a céu aberto. Sim.*

103. *Tamanho do espaço adequado, favorecendo o cuidado/educação de qualidade para a quantidade de crianças usuárias. Não.*

104. *Rampas alternativas às escadas. Não.*

105. *Espaço interno/externo para os bebês conviverem com as crianças maiores.*

Não atendemos bebês e não temos espaços adequados.

106. *Espaço interno/externo para os bebês conviverem entre eles se movimentando e se conhecendo. Não atendemos bebês e não temos espaços adequados.*

107. *Local e mobiliário adequado para o sono longo dos bebês e cortinas. Não atendemos bebês e temos cortinas confeccionadas pelos funcionários da creche.*

ANEXO 6 : ATIVIDADES DIVERSIFICADAS

As atividades diversificadas estarão presentes em nossa rotina.

Cabe aqui ressaltar que essas atividades, estando ou não diretamente ligadas aos projetos desenvolvidos em sala, terão como objetivo dar maior oportunidade para as crianças se expressarem livremente, desenvolvendo assim sua capacidade criadora e aumentando sua autonomia.

Essas atividades tem como objetivo desenvolver:

- ⌘ Aquisição de habilidades e soluções próprias;
- ⌘ Domínio das técnicas e materiais utilizados;
- ⌘ Discriminação de cores, formas, tamanho, dimensão, espaço, harmonia, etc.;
- ⌘ Desenvolvimento da coordenação visomotora;
- ⌘ Despertar para a criatividade;
- ⌘ Desenvolvimento da observação e da atenção;
- ⌘ Atitudes de cooperação (com o colega, com a limpeza da sala) e concentração no trabalho;
- ⌘ Expressão das suas vivências emocionais;

Apesar de, em alguns momentos, serem sugeridos pela professora ou monitoras materiais e técnicas variadas, as crianças terão sempre oportunidade de escolher e criar da maneira que preferir.

Será sempre valorizado o trabalho individual da criança, o que ela foi capaz de fazer partindo do que foi sugerido, nunca comparando com um modelo ou com o trabalho de outro colega. O mais importante será sempre estimular a autoconfiança da criança para que ela se sinta capaz e livre para criar em todos os momentos.

É importante também dizer que a criança poderá utilizar diversos cantos para concluir o mesmo trabalho-

Durante o ano de 2002 as atividades diversificadas sugeridas as crianças estarão sustentadas pelos objetivos descritos a seguir:

1. DESENHO

A expressão da criança é livre. Ela decide o que vai desenhar. Para estimular essa criatividade é preciso que ela tenha disponível uma grande variedade de materiais. Os materiais serão de uso coletivo, para que a criança comece a aprender a cooperar e dividir. Já suas produções poderão ser individuais ou coletivas;

2. RECORTE E COLAGEM

A expressão da criança é livre. Para estimular essa criatividade é preciso que ela tenha disponível uma grande variedade de materiais (diferentes papéis, areia, farinha, café, terra, diferentes contas, brocal, tesoura e agulha -lembrando que esses materiais devem ser supervisionados com muito cuidado pelos responsáveis pela turma -, etc.) Durante essa faixa etária o experimentar esses materiais antes de utilizá-los vem sempre antes de qualquer atividade... Esse experimentar inclui : colocar na boca, na mão ou outras partes do corpo, misturá-los a outras substâncias, etc.. Os materiais serão de uso coletivo, para que a criança comece a aprender a cooperar e dividir. Já suas produções poderão ser individuais ou coletivas;

3. PINTURA

A pintura é a expressão através da cor. Ela desenvolve na criança o gosto artístico, a observação e a coordenação motora, além de aguçar a sensibilidade. As crianças irão utilizar materiais como: tintas, pincéis, escovas, esponjas... Os materiais serão de uso coletivo, para que a criança comece a aprender a cooperar e dividir. Já suas produções poderão ser individuais ou coletivas;

4. MODELAGEM

A modelagem também deve permitir a livre expressão do pensamento. Além de desenvolver sua criatividade e a coordenação visomotora, alivia as tensões emocionais da criança: Os materiais utilizados serão massinha (industrializadas ou não) e materiais que permitam modelar a massa.

5. LEITURA

Tem como objetivo principal desenvolver o interesse da criança pela leitura. Serão estimuladas a confecção de livros pela própria criança, a dramatização de histórias, o narrar (contar) histórias, e também a forma de usar os livros, revistas e outras formas de expressão escrita.

6. JOGOS

As crianças poderão utilizar aqui jogos de construção, de regras e lúdicos. Esse canto precisa proporcionar desafios que permitam desenvolver a coordenação motora e pensamento lógico das crianças e também estimular a cooperação e divisão de materiais.

7. CASA DA BONECA

Esse canto tem por objetivo, além da brincadeira e da atividade lúdica em si, fazer com que a criança reproduza, através da representação/dramatização os conflitos familiares e sociais. Assumindo diferentes papéis, ela irá expressar seus sentimentos e emoções, tanto através da linguagem oral como corporal (aquilo que ela ainda não sabe expressar).

8. EXPERIÊNCIAS COM ÁGUA

Esse canto irá funcionar algumas vezes por semana, conforme planejamento, e será utilizado na área externa. As crianças irão brincar com recipientes de diferentes tamanhos, e objetos com diferentes pesos para que assim possam conhecer as propriedades da água.

9. SUCATA

Materiais diversos como embalagens serão explorados pelas crianças para que elas possam descobrir suas propriedades : duro, mole, fria, leve pesada, emite sons, etc.

ANEXO 7 PRIMEIRO EPISÓDIO : DRAMATIZAÇÃO

Iniciamos a filmagem da dramatização dentro da sala, estando as crianças organizadas em roda, que é a maneira como costumamos recebê-las diariamente. Já haviam tido contato com a filmadora na semana anterior, e eu expliquei que não era brinquedo para eles, mas sim uma forma de documentar nossa conversa. Eles estavam tranquilos e gostavam quando eu direcionava a câmera para eles. Alguns ficavam um pouco envergonhados, falavam baixo, mas de maneira geral agiram naturalmente.

É importante ressaltar que durante este dia (27-05-02), a escola estava funcionando emergencialmente, ou seja, mais da metade dos funcionários da escola estavam em greve, e só estávamos atendendo aqueles cujos pais trabalhavam.

Luciane: “Era uma vez uma escola...”

Dentro dessa escola tinha sabe o quê?

Carlos : Uma escola que tinha aqui e aqui...- apontando as bochechas.

Luciane: Duas bochechas?

Carlos: Balançou a cabeça positivamente.

Que que tinha na escola Vi?

Vinícius: Televisão.

Luciane: O que que você assistia na T.V. da escola, Vi?

Vinícius: Desenho.

Brendo: Você.

Vinícius: Homem aranha.

Luciane: Eu? Vocês assistiam eu pela T.V.?

Vinícius: Nós não! Assistia o desenho.

Luciane: Mas sabe tinha uma coisa muito esquisita nessa escola.

Vem aqui que eu vou mostrar para vocês o que que tinha de estranho nessa escola.

Nessa hora saímos de dentro da sala e nos dirigimos ao parque parando em frente o tapume.

Luciane: Isso aqui! Como chama?

Bate aqui para ver o barulho que faz.

Vinícius: É a porta?

Luciane: Para que serve a porta, Vi?

Vinícius: Pra num caí telha na nossa cabeça, num é?

Pra não entra lá, prá não caí telha na nossa cabeça.

Luciane: E o que tem do outro lado?

Júlia: O quebrado.

Luciane: E o que está quebrado?

Júlia: É o telhado.

Vinícius: Só que vai arrumá!

Luciane: Mas por que o telhado quebrou?

Júlia: Porque choveu muito.

Luciane: Porque choveu muito?

Vinícius: Não, não foi chovido. Foi o vento que quebrou a telha.

Luciane: Todo mundo agora vai fechar o olho, e vai fazer de conta que vai tirar o tapume daqui. Quebra o tapume.(Tic,tic,tic... imitando como se estivesse quebrando e as crianças imitando). Quebra. Quebraram?

Vinícius: Eu tô vendo...(olhou então para a direção contrária e viu uma árvore) uma árvore!

Júlia: Não sei!

Vinícius: É o lobo. É terra.

Luciane: Atrás do tapume, o que é que tem?

É o lobo?

Vinícius: É o lobo! O lobo está preso!

Luciane: Porque ele está preso?

Vinícius: Pra ele fazê assim ó: Auuuuuuuuuuuuuuuu!

Luciane: Pra ele o quê?

Vinícius: Para não comê nós, sabia?

Luciane: Ele fica lá atrás prá ele não comê a gente?

Vinícius: Você qué ouvi a música, o barulho dele, ó : Auuuuuuuuuuuu!

Luciane: É assim que ele faz?

O que é que tem aqui atrás, Leo?

Leonardo Rufino: Os telhado.

Luciane: O que é que tem aqui atrás, Fran?

Franciele: Lobo.

Luciane: O que ele está fazendo aí atrás?

Júlia: Cagando! Cagando! Cagando!

(Não conseguiu escutar, nem entender o que a Franciele falou)

Luciane: Fazendo cocô?

Júlia: É!

Luciane: O que é que você acha que tem aqui atrás, Brendo?

Brendo: Lobo!

Luciane: Nossa será que tem lobo mesmo, lá atrás?

O que você acha, Laís?

Laís: Brinquedo.

Luciane: Que brinquedo que tem lá?

Laís: Da creche!

Luciane: Que mais tem lá atrás?

(Durante este trecho fiz perguntas para as crianças do MI, que em sua maioria falam muito pouco e ainda não claramente)

Kleber: Do do do dado!

(Repetiu várias vezes, até que eu perguntei:)

Luciane: Do outro lado?

Kleber: É

Luciane: O que é que tem?

Kleber: Do do do dado!

Luciane: O que é?

Kleber: Aqui ó!(Batendo)

Aqui tem buiaco(buraco)

Luciane: O que vocês tão vendo?

Faz um buraco no tapume. Agora espia.

Que é que vocês estão vendo?

Júlia: A tia Luciane!

Luciane: (risos) Eu tô do outro lado?

Júlia: Tá!

Luciane: O que você tá vendo, Fran?

Franciele: Ammm, Ammm

(Não respondeu, Parecia não entender)

Júlia: A casinha

Luciane: Qual casinha?

Júlia: A de escorregar.

SEGUNDO EPISÓDIO: O DESENHO

Dividi este episódio em duas partes, porque desenhando na mesa cabiam no máximo cinco crianças.

Na primeira parte as crianças que participaram foram: Enaldo, Júlia, Vinícius, Leonardo Rufino e Laís). Na segunda parte participaram Brendo, Franciele e João Paulo, sendo que o terceiro se não respondeu as minhas perguntas.

Deixei disponível na mesa, lápis de cor, giz de cera, canetinha e papel sulfite A4 e fiz a proposta de que eles desenhassem o que aconteceu com a escola. Como seus desenhos são garatujas, fiz várias perguntas enquanto desenhavam.

PRIMEIRA PARTE

Luciane: O que é que aconteceu com a nossa escola?

Enaldo: Caiu a telha.

Luciane: Você vai desenhar aí? Porque a telha caiu, Laís?

Enaldo: Porque a chuva caiu.

Luciane: A chuva caiu?

Enaldo: Não a chuva choveu, aí caiu!

Júlia: Não o vento levou. O céu veio muita chuva e caiu.

Vinícius: Ahhh, eu vou fazer um porco.

Luciane: Um porco?

Luciane: O que é que aconteceu com a escola, Vi? O que você vai fazer da escola?

Vinícius: Uma escolinha... (Não deu para entender o que ele falou)

Luciane: O que?

Vinícius: Uma escolinha! (Falou cantando)

Luciane: Eu não entendi nada Vi...

Vinícius: Que quebrou nossa escolinha, sabia?

Luciane: O que quebrou nossa escola? O porco?

Vinícius: Não, não é o porco!

O porco não é o*, sabia? (não dá para entender o que ele fala)

Luciane: O porco o que?

Vinícius: O porco não é o vrido, sabia?

Luciane: O porco não é o vidro?

Vinícius: Não!

Vinícius: O que que o porco é?

Vinícius: Ele é um porco de banana! Ele chama porco cabeça de banana!

Enaldo: Ó tia!! (mostrando o desenho)

Luciane: Que que você desenhou?

Enaldo: Uma pintura!

Luciane: Uma pintura?

E o Leo, que que você tá fazendo da nossa escola?

(Sem resposta)

Hein Leo?

(Sem resposta)

Luciane: E a Laís, que que tá fazendo da nossa escola?

Laís: Banana!

Luciane: E onde tem banana na nossa escola?

Laís: Aqui! (Apontando em seu desenho)

Luciane: E o que que aconteceu com a nossa escola?

Laís: Caiu!

Luciane: Caiu? Por quê?

Júlia: Por causa da chuva.

Luciane: Escuta, que que nós podemos fazer pra concertar nossa escola?

Júlia: Não sei.

Leonardo Rufino: Eu sei pra concertá! Coloca cola, ué!

Vinicius: Oóóó olha aqui o que eu fiz!

Céu com “uba seca”.

Luciane: O que que é “uba seca”?

Vinicius: Da seca, do sol, que vira do lado do céu, sabia?

Luciane: O que que você fez Enaldo?

Enaldo: Um avião.

Luciane: Avião?

E como você vai fazer para concertar nossa escola?

Enaldo: Nada. Coloca uma cola. Joga cola! (Fala irritado)

Porque tá feia.

Luciane: Ela tá feia?

Todos: Tá!

Luciane: E como a gente vai fazê para ela ficar bonita?

Enaldo: Pinta ela!

Luciane: Pintar ela? Com o que?

Enaldo: Com a tinta!

Luciane: E onde nós vamos pintá ela?

Enaldo: Ó aqui! (Mostra seu desenho enquanto pinta)

Luciane: Você tá pintando a escola? Está ficando bonita?

(Sem resposta)

Luciane: Leo que que a gente vai fazê para ela ficar bonita?

Leonardo Rufino: Quebra ela, uai!

Luciane: E a Laís que que vai fazer para concertar a escola?

Laís: Uma tinta!

Luciane: (Não entendeu e perguntou) O que?

O que?

(Sem resposta)

Luciane: Como vai arrumar a escola Laís?

Laís: O Enaldo.

Luciane: O Enaldo vai arrumar?

Enaldo: Eu não!

Luciane: O que que ele vai fazer pra arrumar a escola, Laís?

Enaldo: Eu não!

Eu vou quebrar tudo essa escola! (Falou bravo)

Luciane: Por quê?

Enaldo: Porque sim.

Luciane: Porque sim não é resposta.

SEGUNDA PARTE

Luciane: Vamos desenhar o que aconteceu na nossa escola?

Brendo: Cadê você?

Luciane: Eu tô aqui!

Brendo: Eu tô vendo seus olhos.

Luciane: E o que que você está vendo do outro lado do tapume?

O que que aconteceu com a escola?

Brendo: Quebrô!

Luciane: Quebrô, por que que a escola quebrô. Brendo?

Brendo: A chuva quebrô!

Luciane: A chuva quebrô? Como a chuva quebrou a escola, Brendo?

Brendo: Como? Não sei.

Luciane: A escola ficou bonita?

Brendo: Ahn han! (Balançando a cabeça positivamente)

Luciane: Ficou bonita quebrada?

Brendo: Ahn han!

Luciane: Você gostou da escola quebrada?

Brendo: (Balançou a cabeça positivamente)

Luciane: Posso quebrar a sua casa, então?

Brendo: (Me olhou assustado e respondeu prontamente) Não!

Luciane: Não? Mas você não acha que fica bonita?

Brendo: (Balançou a cabeça positivamente, sorrindo)

Luciane: Então vamos quebrar a sua casa?

Brendo: Vamo!

Luciane: Vamos? E o que que a gente vai fazer pra essa escola ficar feia?

Brendo: Ahn?

Luciane: Você falou que a escola está bonita, não falô?

Brendo: (Balançou a cabeça positivamente)

Luciane: O que que nós vamos fazer pra escola ficar feia?

Brendo: Feia.....Não sei (falou sorrindo)

Luciane: Você gosta da escola assim toda quebrada, ou como ela era antes?
Quebrada!

Luciane: Por que que quebrada é mais legal?

Brendo: Maisi?

Maisi eu quero!

Luciane: O que que a Fran vai desenhar aí?

Franciele: Não sei.

Luciane: Não sabe? O que que aconteceu com a nossa escola, Fran?

Franciele: Quebrô!

Luciane: Quebrou?

E como que quebrou?

Franciele: Lá na frente.

Luciane: Como?

Franciele (Não deu para entender se ela falou *frente* ou *creche*)

Luciane: Não ouvi Fran!

Franciele: A creche quebrô.

Luciane: Ela ficou bonita quebrada?

Franciele: Abriu a boca de lado duas vezes e balançou a cabeça positivamente (Não deu para definir se o motivo dela abrir a boca foi acompanhar os movimentos que ela estava fazendo para desenhar, ou se foi uma expressão de quem está fazendo algo errado, neste caso, mentir afirmando que a creche fica bonita quebrada).